

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

Larissa Duarte



M E M O R I A L

F Ú N E B R E

Há mais coisas entre o céu e na terra, Horácio
Do que sonha a nossa vã filosofia
- Hamlet

R E S U M O

Este caderno referente à conclusão do curso de arquitetura e urbanismo consiste na apresentação de um partido arquitetônico de um memorial fúnebre localizado em Palhoça, Santa Catarina. Para atingir-se tal resultado, o trabalho engloba um estudo teórico sobre o tema, suas relações sociais e culturais, relatando o preconceito que o tema mortuário carrega e, por isto é colocada a necessidade de vencer este medo por meio de um espaço mais imaterial e sensível com os usuários, já que nós, humanos, nos diferenciamos que qualquer outra espécie pela sensibilidade às coisas que nos rodeiam.

Ainda, para que o projeto fosse relacionado com o terreno no qual é inserido, realizou-se um estudo sobre o local e suas condicionantes, levantando que apesar de o potencial construtivo do local, as áreas de proteção à natureza impedem que isto se efetue. Aproveitando -se disto, a rica paisagem é elemento essencial na criação de uma atmosfera mais empática àqueles que sofrem da perda.

Por fim, é explanado a proposta do espaço, levantando conceitos e metáforas que simbolizam a dor da perda e que permitam aos usuários terem seu devido momento de luto, e acima de tudo o projeto pretende atenuar este momento trazendo a ideia de continuidade daquele que se foi.

Palavras-chave: Arquitetura fúnebre; memorial; paisagem.

A B S T R A C T

This thesis refers to the conclusion of the architecture and urbanism bachelor consisting in the presentation of an architectural schematic design of a funeral memorial located in Palhoça, Santa Catarina. To achieve this result, the work includes a theoretical study on the theme, its social and cultural relations, reporting the prejudice that the mortuary theme carries and, therefore, the need to overcome this fear through a space more immaterial and sensitive to users, since we, humans distinguish ourselves from any other species by the sensitivity to things around us.

Also, in order for the project to be related to the site in which it is inserted, a study was conducted on the projects localization and its constraints, showing that, despite the constructive potential of the site, nature protection areas prevent this from happening. Taking advantage of this, the wealthy landscape is an essential element in creating a more empathic atmosphere for those who are suffering from the loss.

Finally, the proposal of the space is explained, raising concepts and metaphors that symbolize the pain of loss and that allow users to have their moment of mourning, and above all the project intends to mitigate this moment bringing the idea of continuity of the one that is gone.

Keywords: Funeral architecture; menorial; landscape.

S U M Á R I O

1.INTRODUÇÃO	09
1.1.PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA	12
1.2.OBJETIVOS	13
1.2.1.GERAL.....	13
1.2.2.ESPECÍFICOS	13
1.3.METODOLOGIA.....	14
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1.RITOS DE PASSAGEM.....	16
2.2.CONTINUIDADE	20
2.3.MEMÓRIA	22
2.4.ATMOSFERAS	24
3.DIAGNÓSTICO	25
3.1.A ÁREA.....	26
3.2.CONTEXTO HISTÓRICO	29
3.3.O TERRENO E SUAS CONDICIONANTES	31
4.REFERENCIAS PROJETAIS	40
4.1.CENTRO FUNERÁRIO	41
4.2.MEMORIAL ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA	43
5.PARTIDO	45
5.1.A PROPOSTA.....	46
5.2.DESAGREGAÇÃO	50
5.3.REINSTALAÇÃO	59
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
EPÍLOGO	72
7.REFERÊNCIAS	74

1 . I N T R O D U Ç Ã O



Fig. 01 - Mapa de localização do terreno. FONTE: da autora, 2019.

A cidade é a memória coletiva dos povos. E como a memória está ligada a fatos e lugares, a cidade é o locus da memória coletiva.
(ROSSI, 2001)

As cidades nos contam histórias, e não seria diferente para a arquitetura mortuária: as mesmas alterações sociais, políticas e culturais que conformam a cidade dos vivos, ocorrem na cidade dos mortos. A arquitetura fúnebre, portanto, nos clama pela necessidade de torná-la mais compatível com as alterações da sociedade atual, na qual se observa a possibilidade de conceber estes locais mais subjetivos e sustentáveis.

A arquitetura mortuária anuncia uma atmosfera pesada para a cidade, trazendo concepções negativas que se conformaram ao longo do tempo. Não é por menos, o tema traz consigo o medo pela incerteza do que vem após a morte, questões técnicas que já causaram problemas ao meio ambiente, a influência prejudicial no mercado imobiliário, além da própria dor da perda, imensurável para quem a sente.

A morte vai além dos seus aspectos físicos e técnicos, mas como elemento presente na memória dos que ficam.

Imaterial. Deste pensamento surge a proposta de um espaço de memória aos mortos, mais democrático e de atmosfera mais sensível, substituindo objetos individuais por algo que traduza a memória coletiva.

1.1. PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

A inumação (enterramento) é quase tão antiga quanto o ser humano, e apesar de pequenas adaptações na técnica ao longo do tempo, o ato ainda é dominante no ocidente, entretanto, esta tornou-se nociva à dinâmica das cidades e do ambiente, pois é incessantemente expansiva e por questões culturais expõe outros usos urbanos. Junto a isto, é possível ver na sociedade um movimento de redução à materialidade, não excluindo a necessidade do ser humano de ter sua identidade. É necessário, portanto, adequar a arquitetura fúnebre ao desenvolvimento humano, trazendo maior relação com a cultura e técnicas menos nocivas ao meio, como a cremação – método, fortuitamente, adotado neste estudo – que gera volume reduzido de resíduos.

É base deste estudo, repensar os estímulos que os centros fúnebres provocam nos usuários e, portanto, pretende-se se atenuar os aspectos negativos do tema e enaltecer a importância deste para nosso desenvolvimento, como espaço de encontro, de identidade, de conexão com o passado e conformação do futuro.

Desta forma, é proposto um espaço fúnebre que se adapte às tendências sustentáveis sem que seja perdida a memória àqueles que se foram: um memorial fúnebre, propondo ultrapassar a função psíquica da dor da perda, criando um monumento que eternize a vida.

Este se localizará no município de Palhoça, no bairro Praia de Fora, no limiar da proximidade com a região metropolitana, maior público alvo, e o afastamento de regiões que tendem a se expandir e densificar. É colocado na base do morro Cambirela - pertencente ao parque estadual da Serra do Tabuleiro - em um espaço circundado por áreas de preservação, mas que é classificado pelo plano diretor como uma área propensa à ocupação (Área Mista de Serviços), incompatível com o entorno. Desta forma, o projeto pretende evitar a densificação do local e aproveitar do potencial visual - a natureza - que é protegido pela lei.

As margens do Rio Cubatão, o terreno tem rica espacialidade – o movimento do rio reagindo à tranquilidade do lago, a imponência do morro contestando a estabilidade da planície - ressaltando o potencial cênico do local. Tais características imergem os usuários à natureza, liberando espaço para reflexão necessário à proposta.

1 . 2 . O B J E T I V O S

1 . 2 . 1 . G E R A L

Desenvolver um projeto de arquitetura de um memorial fúnebre adjacente ao VMorro do Cambirela no município de Palhoça/SC.

1 . 2 . 2 . E S P E C Í F I C O S

- Compreender a tendências de rituais fúnebres e destinos dados aos mortos e assim verificar o público alvo e processos que serão adotados.
- Identificar as diretrizes impostas pelo terreno, como seus aspectos físicos, climáticos e sociais, bem como suas legislações técnicas e ambientais.
- Buscar referenciais projetais de ritos de passagem, centros funerários e espaços de memória, a fim de compreender como estes se implantam, suas relações com o espaço e suas necessidades.
- Lançar um partido de arquitetura no TCCI (Trabalho de Conclusão de Curso I).
- Propor um anteprojeto arquitetônico para o espaço selecionado sintetizando o conteúdo analisado no TCCII (Trabalho de Conclusão de Curso II).

1 . 3 . M E T O D O L O G I A

Para que os objetivos descritos sejam alcançados, este caderno se segmentará em partes por ordem cronológica de realização, sendo estas: a fundamentação teórica do tema, diagnóstico e análise da área, referenciais arquitetônicos e estudos de caso, concluindo com o partido arquitetônico. Para tanto, terão como estratégia:

- Reunir informações, por meio de pesquisa bibliográfica através de livros, teses, revistas e outras mídias pertinentes, para buscar dados sociais, econômicos e sobre crenças (ou ausência destas) para compreensão do tema e do público que usufruirá do projeto e assim definir o programa de necessidades.
- Visita ao terreno para diagnosticar potenciais paisagísticos, visuais, acessos e o entorno.
- Consulta a legislação vigente, análise de mapas, dados demográficos e normatizações do tema.
- Busca de simbologias e elementos intangíveis através de literaturas, estudos de caso e referências projetais, pois é importante para o tema criar atmosferas que transmitam determinados sentimentos.
- Analisar os dados obtidos e traduzi-los em um partido arquitetônico.

2 . F U N D A M E N T A Ç Ã O T E Ó R I C A

2 . 1 . R I T O S D E P A S S A G E M

“As transformações do homem diante da morte são extremamente lentas por sua própria natureza ou se situam entre longos períodos de imobilidade.” (ARIÉS, 2012)

Tais transformações que tecem nossa história são marcadas por grandes períodos que ultrapassam o tempo da memória coletiva, por isto, é necessário analisar os ritos de passagem em grandes períodos para perceber à que caminhos seremos levados.

Em “A História da Cidade”, Mumford (1998) afirma que a cidade dos mortos é precursora à cidade dos vivos, pois em tempos de nomadismo, apenas os espaços mortuários permaneciam imóveis, demarcando um local para regresso. Aliás, a arquitetura mortuária e espaços de memória são grande parte do que restaram de antigas civilizações, como pirâmides mortuárias e monumentos, principalmente pelo fato de serem erguidas para importantes figuras da época – uma entidade política ou religiosa – demonstrando a solidez e a influência que exerceram.

Apesar das mutações ao longo da história, o medo da putrefação e o que viria após a morte sempre estiveram presentes conformando o espaço físico, ora em maior, ora em menor repulsa: tanto nas catacumbas ao longo da Via Appia da Roma antiga, quanto nos cemitérios suburbanos das cidades contemporânea, ambos colocados à periferia das cidades (FIGUEIREDO, 2012). A repulsa, portanto, vem também da própria técnica utilizada, o sepultamento, no qual a ideia de o finado voltar à vida é ao mesmo tempo é milagrosa e aterrorizante. Surge daí a necessidade de tornar o cadáver metafórico.

Altos muros foram erguidos, materiais e psíquicos, separando a cidade dos passantes daquela dos que passaram, esta última sendo apenas visitada, da forma mais breve possível, por ocasião de alguma ocorrência trágica ou na solenidade oficial do Dia dos Mortos. Há uma resistência básica diante do fato óbvio de que estamos passando (...) (LELOUP & HENNEZEL, 2012, p. 9)

Na verdade, os espaços fúnebres são direcionados mais para os vivos que para os mortos, pois falam muito mais daqueles que construíram do que àqueles para os quais foram erguidos. Por isto a importância de perceber o homem atual e sua relação consigo mesmo, já que a memória ao defunto vai crescentemente se dissipar e dar lugar às das próximas gerações (FIGUEIREDO, 2012).



Fig. 02 - Fotografia de Jean François Rauzier, Montjuïc, 2013.



Fig. 03 - Fotografia de Jean François Rauzier, Salvador, 2017.

As fotografias de Rauzier, feitas através da colagem de diversas imagens, constroem cenários a partir da realidade. As figuras 02 e 03 expressam as semelhanças entre a cidade dos mortos e a cidade dos vivos.

Ainda, é perceptível que a arquitetura mortuária sempre ressaltou a segregação da sociedade: no Egito antigo, esta era construída em prol de poucos indivíduos e as maiores camadas da população eram acessórias à vida pós-morte dos mais influentes, já na Idade Média, na cultura cristã, o interior das catedrais era reservados aos dignos – em outros termos, àqueles que doavam mais bens à igreja. Da mesma forma, na cidade atual, as construções dos mortos não são diferentes das dos vivos, desde a semelhança na organização por parcelas público/privadas, às construções que refletem classes sociais (FIGUEIREDO,2012).

Isto nos leva ao questionamento de a quem os espaços fúnebres serão referenciados: a sociedade atual, em termos de luto, valoriza mais os entes próximos que grandes personalidades, deste modo, o espaço projetado deve traduzir a memória coletiva, sem esquecer de considerar a memória individual.

Além do mais, tendências da sociedade atual apontam à falta de locais para a arquitetura fúnebre, mas também à ausência de tempo para pensar na morte. Um homem cada vez mais ligado à tecnologia, vive mais num “mundo virtual” que na própria realidade, é quase insustentável pensar o cotidiano da sociedade Ocidental sem a conexão com o mundo cibernauta (Oliveira, 2007).

Em consequência, é proposto aqui um espaço para ritos de passagem e permanência pós-morte, mais subjetivo e que abdique das materialidades individuais e enalteça a memória coletiva, dando espaço ao indivíduo fazer sua própria interpretação deste momento.

A evolução dos rituais nos mostra que, mesmo que imateriais, estes necessitam de alguns momentos de amadurecimento do processo de luto, aqui são colocados como: o encontro, a despedida e a memória.

Ainda que a atmosfera seja pesada, o rito é momento de **encontro** e reencontro dos amigos e familiares e do falecido, é onde se pode compartilhar histórias e relembrar a trajetória daquele que se foi.

A real **despedida** dá-se no momento em que o corpo é colocado em seu destino final: seja este a inumação, cremação ou outra. Apesar da intenção de imaterializar o espaço, o corpo físico ainda é parte indispensável - quando um corpo se encontra de-

saparecido, os familiares não podem ter a certeza da morte e permanece um resquício de esperança - pois este representa o momento de despedida em que se terá o último contato com o falecido.

Ambos, o encontro e a memória, referem-se ao momento isolado da cerimônia de passagem, no qual a dor ainda é latente e o ponto central é o falecido - tanto literalmente como metaforicamente.

Já o momento de **memória** não é singular, é uma prática que ocorrerá de forma cíclica, sempre que a lembrança do falecido se fizer necessária. É uma ocasião de lembrar os melhores momentos e esperar que aquela pessoa esteja em melhor lugar. Portanto, um local de paz e tranquilidade. Refere-se também à um momento de reflexão individual, na qual a memória do ente é resgatada através de lembranças pessoais e, portanto, diverge de pessoa para pessoa.

Logo, estas etapas fazem parte do conceito que baseia este projeto.

2 . 2 . C O N T I N U I D A D E

Dentre outras, a consciência de morte caracteriza a humanidade frente ao reino animal, já que este não é capaz de contextualizá-la, mesmo que a perceba por meio do instinto, por exemplo, fugindo de um predador. A dramatização deste momento por parte dos humanos vai além do sentimento representado por outras espécies (RODRIGUES, 2010), portanto, este rito de passagem ultrapassa uma técnica de destino.

“Os corpos eram e são enterrados porque se reconhece neles um valor simbólico, porque nenhum corpo humano morto não pode ser considerado como um cadáver qualquer” (RODRIGUES, 2010, p.01). A morte, portanto, não se limita ao fim da existência corpórea: dela fica toda a individualidade do morto carregada pela memória coletiva. Como é colocado por Elias (2001, p. 77): “A morte não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias”, deste modo, a impossibilidade de lembrar o morto, põe fim ao que ainda o torna vivo para as gerações seguintes.

Hertz (1970) manifestava que estes ritos respondem à uma obrigação moral e à necessidade de exprimir algo. Assim, o ritual fúnebre organiza, segundo este autor, as emoções individuais em dois momentos: a desagregação e a reinstalação. No primeiro momento, a presença do corpo é essencial já que faz parte o ato de desapegá-lo, no segundo, a coletividade emerge vencedora. Toma-se como base neste estudo, também, a separação do rito em ato material e ato imaterial, o desafio, torna-se, portanto, imaterializar o indivíduo na memória coletiva.

Ao longo da história, a morte foi representada inúmeras vezes em seus diversos estágios. Klimt a representa (à esquerda) com cores frias e a vida (à direita) com cores quentes, a sinuosidade das figuras se complementam, simbolizando não um confronto, mas um encaixe inevitável.



Fig. 04 - "Morte e Vida" de Gustav Klimt, 1916.

2 . 3 . M E M Ó R I A

“É história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se.”
(D’ALÉSSIO, 1993, p.98)

Memória é de qualidade biológica e psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação das informações. Neste sentido, no entanto, não é ela que nos diz respeito, pois a arquitetura aqui proposta não é de caráter individual, e sim coletivo. Nisto, nos interessa a memória como elemento de identificação coletiva, os gatilhos de memória que nos conectam à um sentimento.

Santos (1994) afirmou que o lugar é a extensão do acontecer solidário, portanto, o lugar é base para o coletivo. Por isto, a memória precisa de espaço em termos práticos – não necessariamente físico - para que se desenvolva e de lugar às próximas. Nossa sociedade, inconscientemente, demanda um marco físico de evocação - uma lápide, um mausoléu ou local de reflexão - a continuidade se dá, portanto, na capacidade do espaço se renovar. Mas para isto, o projeto precisa ser atemporal para que o usuário dê sentido ao projeto, e não o contrário.

Riegl define monumento como “uma criação humana, erguida para a finalidade específica de manter ações ou acontecimentos (ou uma combinação destes) vivos.” (1982, p.01). Da mesma forma, um memorial reverencia algo que já ocorreu e teve seu fim, mas ao contrário disto, o memorial proposto representa diversos indivíduos em diferentes períodos, porém, esta pluralidade precisa ser oculta do usuário, pois o momento de perda que vive é único.

Para isto, Halbwachs (1990) afirma que é necessário haverem suficientes pontos de contato entre a memória coletiva e as lembranças individuais para que possam ser construídas sobre uma base comum. A estratégia se embasará, assim, no uso de simbologias que tanjam a memória coletiva e individual, no limiar da atemporalidade e da identidade.

Nesta pintura, Dali materializa o poder da memória de resistir ao tempo. Uma memória que ultrapassa o limiar da realidade e do tempo, relativando-o.

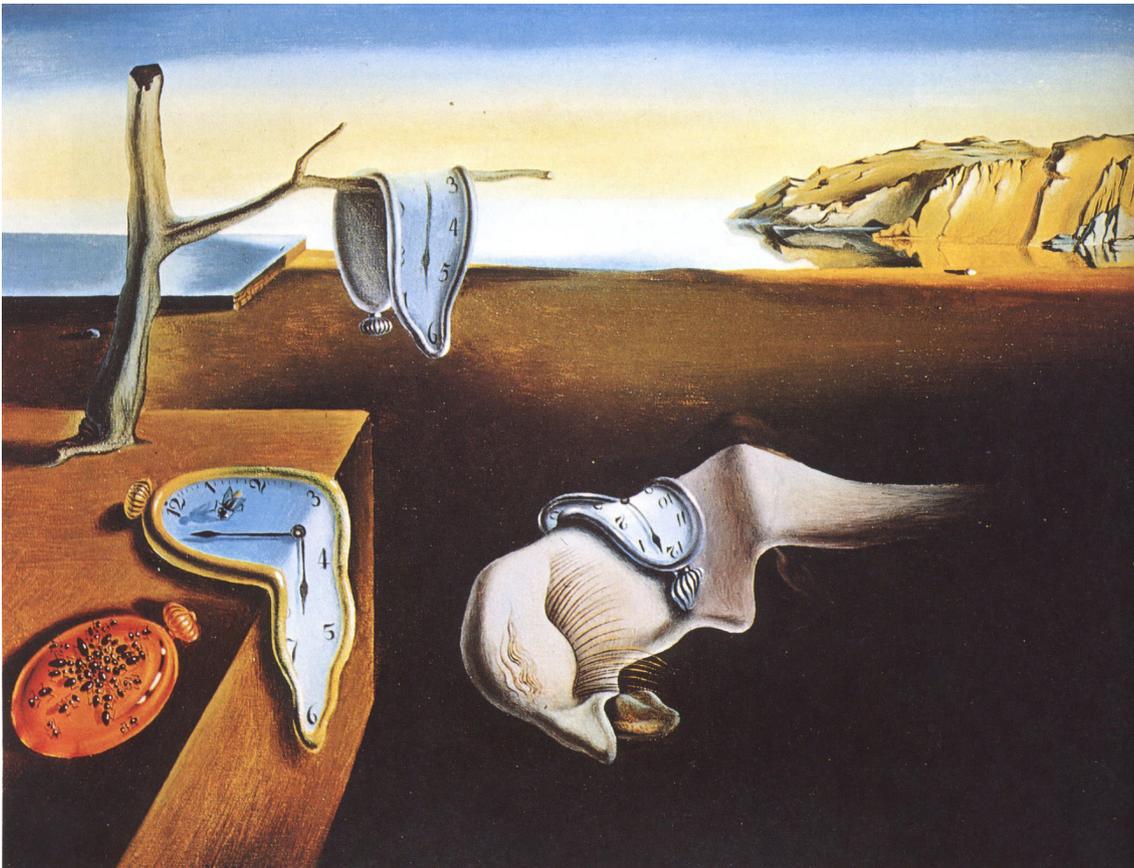


Fig. 05 - "A persistência da memória" de Salvador Dali, 1931. FONTE: Wikipedia, 2019.

2 . 4 . A T M O S F E R A S

Minha percepção é, portanto, não uma soma de dados visuais, táteis e sonoros: eu percebo de uma forma totalizante com a totalidade do meu ser; eu capturo uma estrutura única da coisa, um modo único de ser, que se relaciona com todos os meus sentidos simultaneamente. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.50)

Assim, a percepção não é aquilo que acolhemos pelo olhar como formas de conjuntos preexistentes. É toda a aderência entre sentidos e sensações, entre espaço e tempo. É um estímulo à memória.

Bachelard (2000) observa que memória, sonho e imaginação são nuances do mesmo estado da alma – os sentidos captam o espaço físico, a alma elabora os impulsos em espaço metafísico e permite ao cérebro produzir pensamentos. Este processo acontece apenas se os espaços tiverem a atmosfera que nos desperta a memória, o sonho e a imaginação.

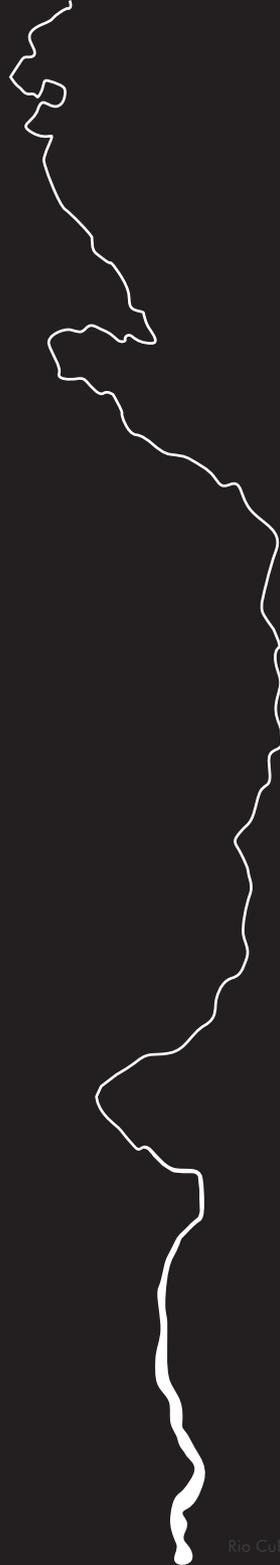
A arquitetura é colocada como um corpo presente. Lewis Mumford (1980, p.101) destaca a indissolubilidade entre “beleza e uso, símbolo e estrutura, significado e função prática” atribuindo à arquitetura um forte poder comunicativo capaz de fazer com que o expectador se sinta:

Mais cortês quando entra num palácio, mais devoto quando entra numa igreja, mais estudioso quando entra numa universidade, mais prático e eficiente quando entra num escritório, e mais cidadão, mais cooperante e responsável, mais orgulhosamente consciente da comunidade que serve, quando atravessa a sua cidade e participa na sua vida multifacetada. (MUMFORD, 1980, p.101)

Zumthor já desenvolve em seus trabalhos o mesmo conceito trazido por Merleau-Ponty: “materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único” (ZUMTHOR, 2006, p.25). Assim, construir uma atmosfera adequada ao local se torna diretriz projetual.

Mas quais sensações um memorial fúnebre deve transferir para um usuário? Com base na divisão do ritual em etapas trazidas anteriormente, cada uma delas deve transmitir uma atmosfera, mas o momento em estudo – do ritual de transição – pede a verdade dos materiais em seu estado puro e a forma pela perspectiva da escala humana.

3 . D I A G N Ó S T I C O



Rio Cubatão

3 . 1 . A Á R E A

O memorial fúnebre é inserido na Rua dos Barbeiros, bairro Praia de Fora pertencente ao município de Palhoça – SC, em um terreno de 85.500 m².

Entre os condicionantes que definiram a escolha do terreno estão os elementos naturais, que além do grande potencial de paisagem, garantem a proteção desta, impedindo que a densidade ocupacional interfira no visual: grande parte do entorno é estabelecida como Área de Preservação Permanente.



Fig. 06 - Vista do Morro Cambirela, 2019. FONTE: Eduardo da Luz, adaptado pela autora, 2019.

Como levantado anteriormente, o tema traz consigo uma inquietação que pode tornar-se prejudicial à vizinhança, por isto é colocado em local de ocupação residencial quase nula. Mas apesar disso, o equipamento atende uma função social e precisa estar relativamente próximo aos usuários, assim, o terreno está a inserido no contexto urbano da região metropolitana da grande Florianópolis, atendendo, em suma, os municípios de Palhoça, Garopaba, São José, Santo Amaro da Imperatriz e parte de Florianópolis.

A legislação vigente, estabelecida pela Vigilância Sanitária do Estado, também condicionou a escolha do terreno, já que impõe à crematórios a necessidade de uma área verde mínima de 20.000m², em função disto o projeto é recuado do centro urbano para que não se torne um vazio subutilizado na cidade.

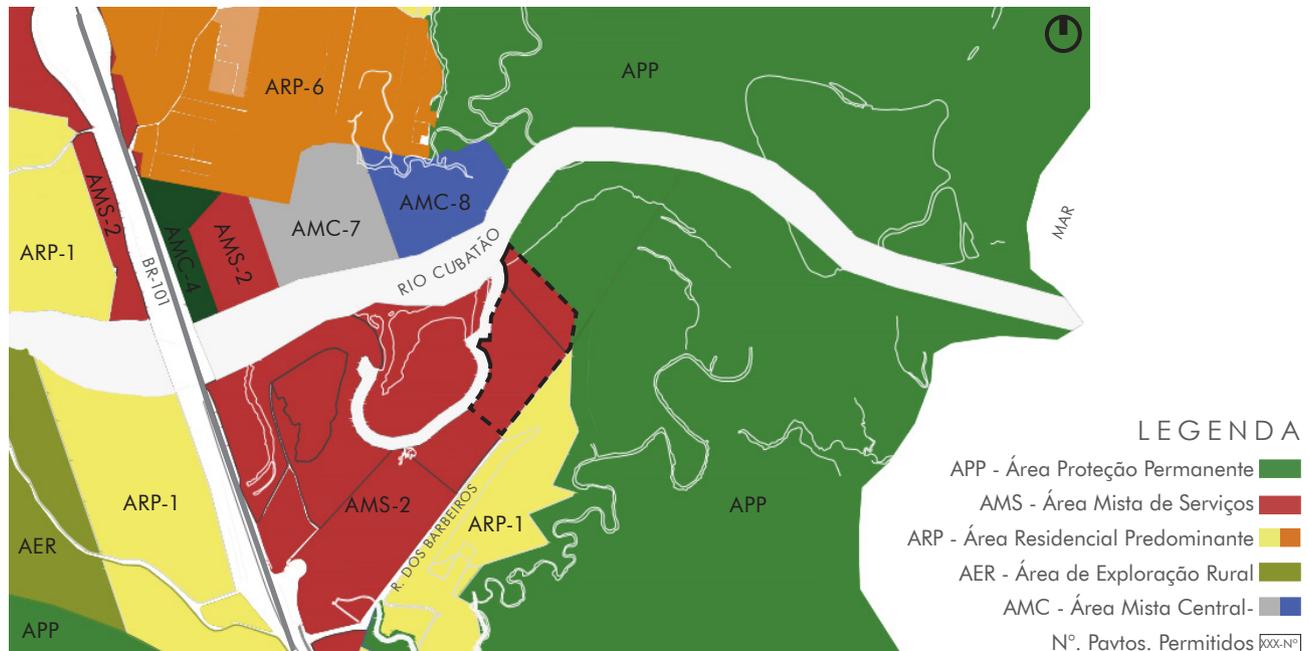


Fig. 07 - Zoneamento vigente de Palhoça. FONTE: Plano diretor, adaptado pela autora, 2019.

Morfologicamente, a área no entorno do terreno é envolta por morros e elementos hídricos que impedem que a ocupação desta região se expanda. Porém, a área passível de ocupação do local é predominantemente posta como Área Mista de Serviços com gabarito de até 2 pavimentos, uso que se efetuado, criaria uma massa edificada sem conexão com o restante da cidade.



Fig. 08 - Vista do terreno. FONTE: da autora, 2019.



Fig. 09 - Vista do terreno. FONTE: da autora, 2019.

3 . 2 . C O N T E X T O H I S T Ó R I C O

As primeiras formas de ocupação do município, se deram pelos portugueses para resguardar a conexão Desterro-Lages, importantes províncias da época, que vinha sendo alvo de outros colonizadores. Palhoça, se situa na parte plana desta ligação que atravessa a Serra do Mar, e foi nesta região que se a cidade se consolidou (CÂMARA MUNICIPAL DE PALHOÇA, 2017).



Fig. 10 - Esquema da ocupação histórica. FONTE: da autora, 2019.

Além disto, a criação da BR-101 nas décadas de 1950 e 1960 ressalta a ocupação litorânea. Outro fator chave para sua conformação próxima ao mar é a delimitação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro em 1975 (Fig.11) pelo decreto estadual 1.260, uma vez que sua ocupação é vetada (FORTKAMP, 2008). A cidade, portanto, fica comprimida entre o mar e o morro (Fig.12) e estes se tornam elementos ícones na paisagem.



Fig. 11 - Delimitação Parque Estadual Serra do Tabuleiro. FONTE: FATMA adaptado, 2019.

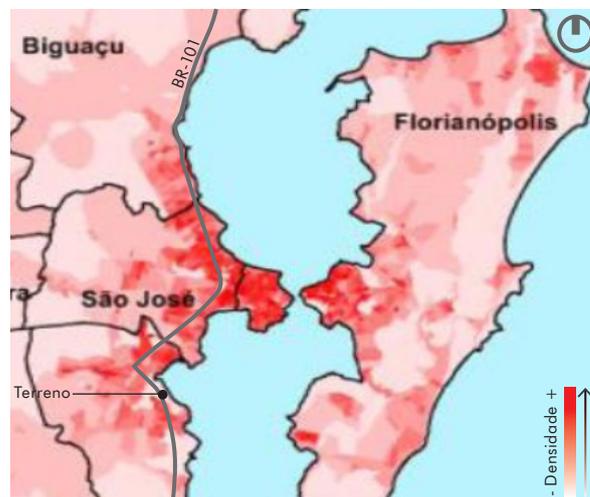


Fig. 12 - Densidade ocupacional da grande florianópolis. FONTE: PLAMUS pela autora, 2019.

3.3.0 TERRENO E SUAS CONDICIONANTES

CHEIOS E VAZIOS

Conforme falado, a área na qual o terreno se situa é pouco ocupada, fator positivo para o potencial cênico e imersão do projeto na natureza.

LEGENDA
Edificado ■
Não edificado □
Terreno ----

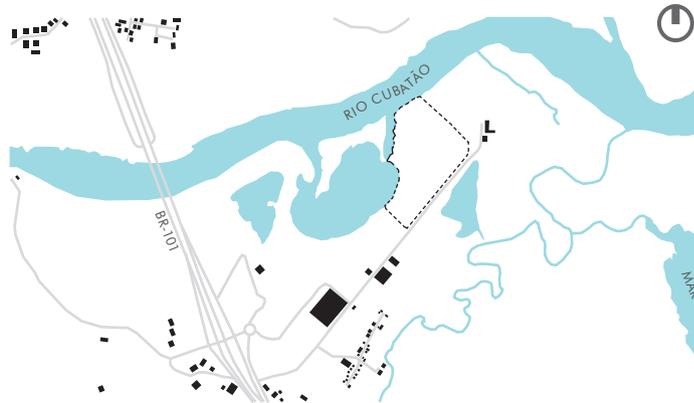


Fig. 13 - Mapa cheios e vazios. FONTE: da autora, 2019.

U S O S

A extensão da BR-101 é caracterizada por usos de serviço, inclusive na área próxima ao terreno.

Nesta parte da cidade, afastada da região central, é comum o uso residencial, daqueles que auxiliam os serviços ou propriedades rurais.

LEGENDA
Residencial ■
Comercial ■
Serviços ■
Industrial ■
Terreno ----

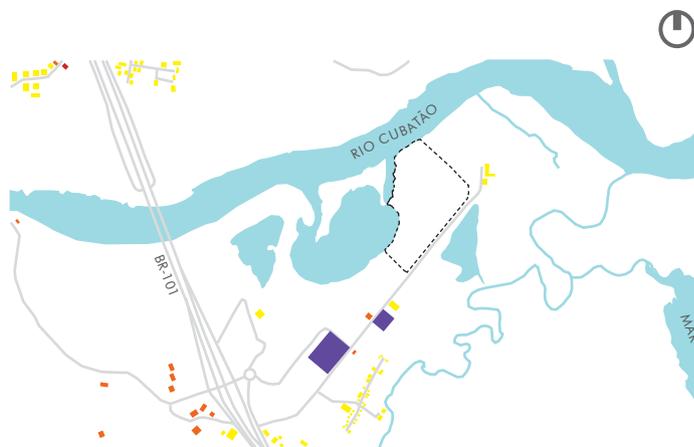


Fig. 14 - Mapa usos. FONTE: da autora, 2019.

SISTEMA VIÁRIO E MOBILIDADE

A relação do equipamento com a região metropolitana ocorre por meio da BR-101, rodovia de abrangência nacional que interliga o litoral do país, esta, permite que a área de abrangência do equipamento se expanda, já que é uma via de trânsito rápido.

A conexão subsequente se dá pela rua sem saída R. dos Barbeiros, em função disto é de uso apenas dos usuários e dos poucos moradores da região.

O isolamento do espaço é em função, também, da ausência de transportes alternativos aos veículos automotivos particulares, não há transporte marítimo coletivo (que seria um facilitador da conexão ilha de Santa Catarina-continente), os ônibus pela intermunicipalidade têm tarifas caras e modais não motorizados não são propícios.

Estes atributos, entretanto, não impossibilitam o equipamento, uma vez que este não é de uso cotidiano e seu acesso se dá apenas em dias de ritos fúnebres e datas de memoração.



ÁREAS NÃO EDIFICÁVEIS

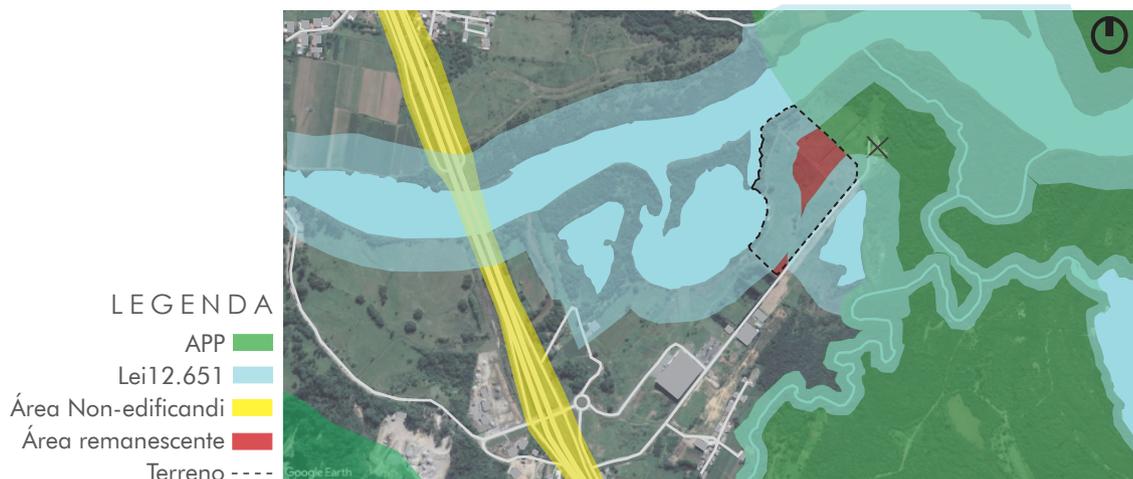


Fig. 16 - Mapa áreas não edificáveis. FONTE: da autora, 2019.

À primeira vista, a região de inserção do terreno parece ter grande potencial construtivo, entretanto, esta sofre grande influência das legislações, como a demarcação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, colocada como APP (Área de Preservação Permanente); o Código Florestal Brasileiro (Lei 12.651) que define os afastamentos de elementos hídricos e as Áreas Non-edificandi (Lei Parcelamento do Solo 6.766) que vetam a ocupação 15 m após a rodovia.

Subtraídas todas estas demarcações, a área ocupável é consideravelmente reduzida, inclusive do terreno em estudo, que passa de 85.500 m² para 16.324 m².

Estas restrições ressaltam o que foi falado no tópico 3.1. A Área e Legislações, que o potencial construtivo não condiz com a área, já que ela deveria se destinar mais para preservação do que ocupação.

Inclusive, a edificação ao lado do terreno (demarcada no mapa com "X") será considerada como desapropriada, pois situa-se na Área de Preservação Permanente.

M O R F O L O G I A E B I O C L I M A

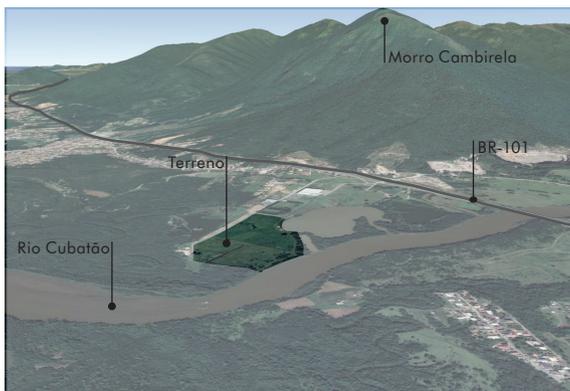


Fig. 17 - Vista do relevo. FONTE: Google Earth, 2019.

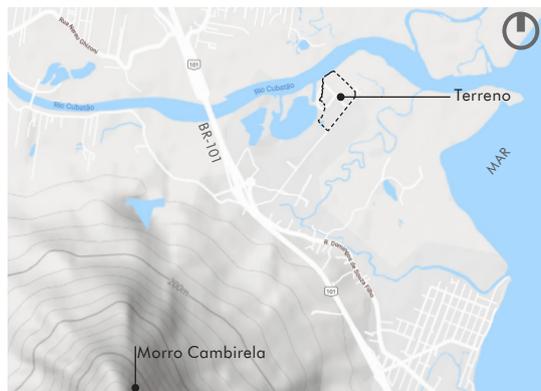


Fig. 18 - Mapa relevo. FONTE: Google Maps, 2019.

A topografia da região anexa ao terreno é basicamente plana (Fig. xx), esta só se eleva do lado oeste da BR-101, dando início ao Morro Cambirela (Fig. xx).

A cidade apresenta clima Subtropical Úmido, com temperatura média acima de 0 °C no inverno e acima de 22 °C no verão e índices pluviométricos altos (NWS, 2019). A região em análise, possui diversos elementos hídricos e grandes maciços vegetativos que aumentam a umidade local, além disto, a proximidade com o mar traz a predominância de ventos vindo deste.



Fig. 19 - Skyline oeste do terreno. FONTE: do autor, 2019.

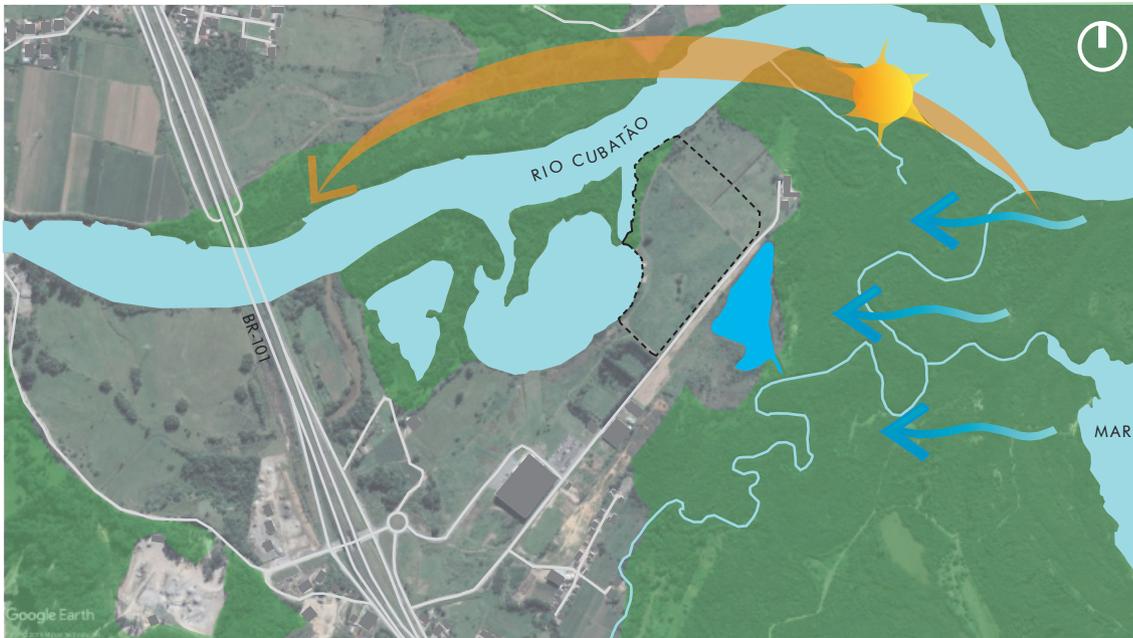


Fig. 20 - Análise climática. FONTE: Google Earth adaptado pela autora, 2019.

LEGENDA

- Massas vegetadas ■
- Elementos hídricos naturais ■
- Elementos hídricos artificiais ■
- Percurso solar →
- Ventos predominantes ↶



Fig. 21 - Skyline leste do terreno. FONTE: da autora, 2019.

A P A I S A G E M

Faz parte da diretriz projetual definir pontos visuais estratégicos para imergir o usuário na paisagem e portanto subsidiar um momento de reflexão. Assim, aproveitando a riqueza de elementos do terreno, foram definidos alguns pontos da paisagem para auxiliar neste processo.

LEGENDA

Ponto de vista das imagens <



Fig. 22 - Pontos cênicos. FONTE: Google Earth adaptado pela autora, 2019.



Fig. 23 - Ponto de vista 01. FONTE: Google Earth adaptado pela autora, 2019.

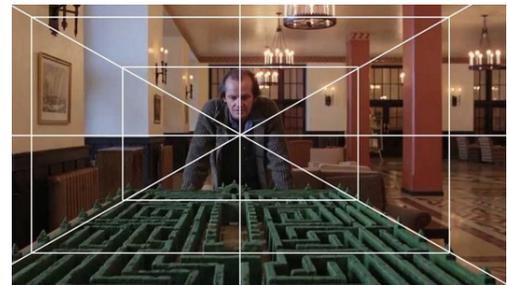


Fig. 24 - Filme O Iluminado. Direção de Stanley Kubrick. FONTE: Warner Bros, 1980.

No cinema e na fotografia utilizam-se estratégias de perspectiva para induzir o espectador à um ponto específico (Fig. XXXX), esta técnica também pode ser utilizada na arquitetura. A única rua de acesso ao terreno tem forma de uma linha quase reta e por isto a perspectiva induz à um único ponto no fim desta, sendo assim este enfoque pode servir de atração ao projeto.



Fig. 25 - Ponto de vista 02. FONTE: da autora, 2019.

Como analisado, o terreno tem topografia plana, além disto, a proximidade com o mar faz com que a planitude se ressalte no horizonte, já que não há outros elementos interferindo no perfil da paisagem. O lago natural é outro elemento que define a horizontalidade do terreno. A linha horizontal, no nosso subconsciente, representa tranquilidade e estabilidade, pode também simbolizar o corpo, enquanto a linha vertical significa alma. Além disto, é sobre o lago que o sol se põe, simbolizando um ciclo que se repete todos os dias.



Fig. 26 - Ponto de vista 03. FONTE: da autora, 2019.



Fig. 27 - Ponto de vista 04. FONTE: da autora, 2019.

Em meio à elementos horizontais planos, o Morro do Cambirela tem destaque na paisagem.

Kandinsky¹, em suas aulas na Bauhaus definia ângulos obtusos e cantos arredondados com cores frias - quanto menor o ângulo, mais quente a cor (KANDINSKY, 1996) - e portanto, a sinuosidade do perfil do Cambirela teria cores frias. No campo da psicanálise, cores frias indicam tranquilidade, paz, e também, representarem a tristeza e solidão. Desta forma, o morro representaria o anseio pela paz apesar da dor da perda.



Fig. 28 - Perfil do Morro Cambirela. FONTE: da autora, 2019.

¹ Wassily Kandinsky, foi artista russo que lecionou na Bauhaus a abstração das artes visuais. É reconhecido por seu pioneirismo na arte abstrata.

Carregado de simbologias, o Rio Cubatão também faz parte da paisagem. Metaforicamente, representa a vida: surge de uma pequena nascente, se fortalece em seu percurso, conformando a natureza e as cidades a sua volta, se dissipa no mar, não demarcando seu fim, mas o fechamento de um ciclo. Seu movimento é traduzido em continuidade, atmosfera que é desejada neste projeto.



Fig. 29 - Vista do Rio Cubatão. FONTE: ND Mais, 2018.

4 . R E F E R E N C I A S P R O J E T U A I S

4 . 1 . C E N T R O F U N E R Á R I O

Projeto: HofmanDujardin Arquitetos

Area: 1600 m²

Ano: 2018

Carregado de simbologias, o projeto traz a transição fúnebre como um momento de celebração da vida, dividindo-o em três etapas:

- Compartilhar memórias: a primeira sala une os familiares e amigos para compartilhar imagens e vídeos do ente falecido.
- Dizer adeus: após, há o momento cerimonial: um ambiente que, através de paredes curvas, cria a ilusão de um ambiente contínuo que imerge o usuário na natureza, e coloca-se no centro, o corpo.
- Celebrar a vida: a terceira sala dá espaço para realçar as relações sociais. Um local de conforto, característica acentuada pelo uso da madeira e luz quente.



Fig. 30 - Vista externa do centro fúnebre. FONTE: Archdaily, 2019.

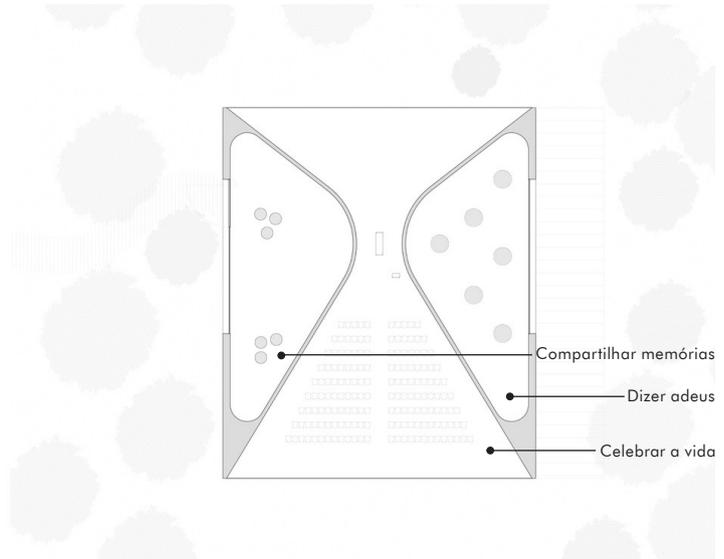


Fig. 31 - Implantação do edifício - Sem escala. FONTE: Archdaily, 2019.



Fig. 32 - Vista interna "Sala de Despedida". FONTE: Archdaily, 2019.

4.2. MEMORIAL ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Projeto: Gaeta-Springall Arquitetos

Área: 15.000 m²

Local: México

Ano: 2013

O memorial materializa a violência na sociedade mexicana, uma ferida ainda aberta, por isto é colocada como um parque público, para que a cidade se aproprie deste e reflita sobre um tema recorrente.

Foram colocadas 70 paredes de aço corten que se elevam entre as árvores, estas representam a imaterialidade das vítimas, além disto, a violência nos remete destruição assim, a construção das paredes se opõe a esta. A geometria elevada destas nos indica a olharmos para o céu, a luz, induzindo esperança.

O projeto possui uma fonte de geometria indeterminada, simbolizando a questão da violência ainda aberta. Este elemento é coberto com grelhas que permite que os visitantes caminhem sobre a água, que significa vida e cura.



Fig. 33 - Vista do parque-memorial. FONTE: Archdaily, 2019.

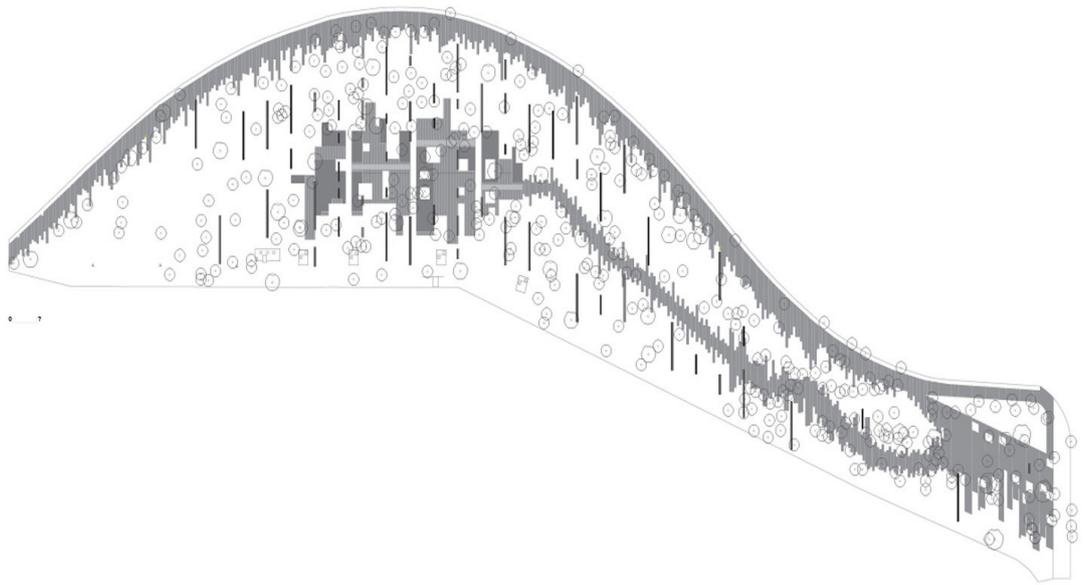


Fig. 34 - Implantação. FONTE: Archdaily, 2019.



Fig. 35 - Vista das paredes de aço e fonte de água. FONTE: Archdaily, 2019.

5 . P A R T I D O

5.1.A PROPOSTA

O conceito do projeto se solidifica pela criação de uma arquitetura que apoie o usuário no delicado momento do ritual de passagem, acompanhando-o desde o momento da morte até a renovação das gerações, na qual a memória ao falecido se dissipa e dá lugar às próximas. Pretendendo atingir esta imaterialidade, o projeto, portanto, procura se fortalecer através de simbologias, materializações e espacialidades que tanjam à memória coletiva, fortificando o sentimento de pertencer.

Considerando este percurso ao longo do tempo, se faz necessário, subdividi-lo de acordo com as etapas do luto. Assim, como foi fundamentado, o memorial fúnebre é constituído por duas partes: a **cerimônia**, que ocorre apenas uma vez para cada indivíduo e na qual é feito o ritual de passagem e a cremação, e a outra fração refere-se à ocasião da **memória**, em que o usuário evoca as lembranças do falecido sempre que sentir necessidade e por isto não é um acontecimento único, mas algo que se repetirá ao longo do tempo.

Em função disto, o fluxo é definido em como as partes do ritual dão continuidade umas as outras, esta sequência é colocada no zoneamento conceitual abaixo. A partir do ponto de partida - a chegada ao projeto - o usuário é direcionado ou ao espaço de memória ou ao local de cerimônia.

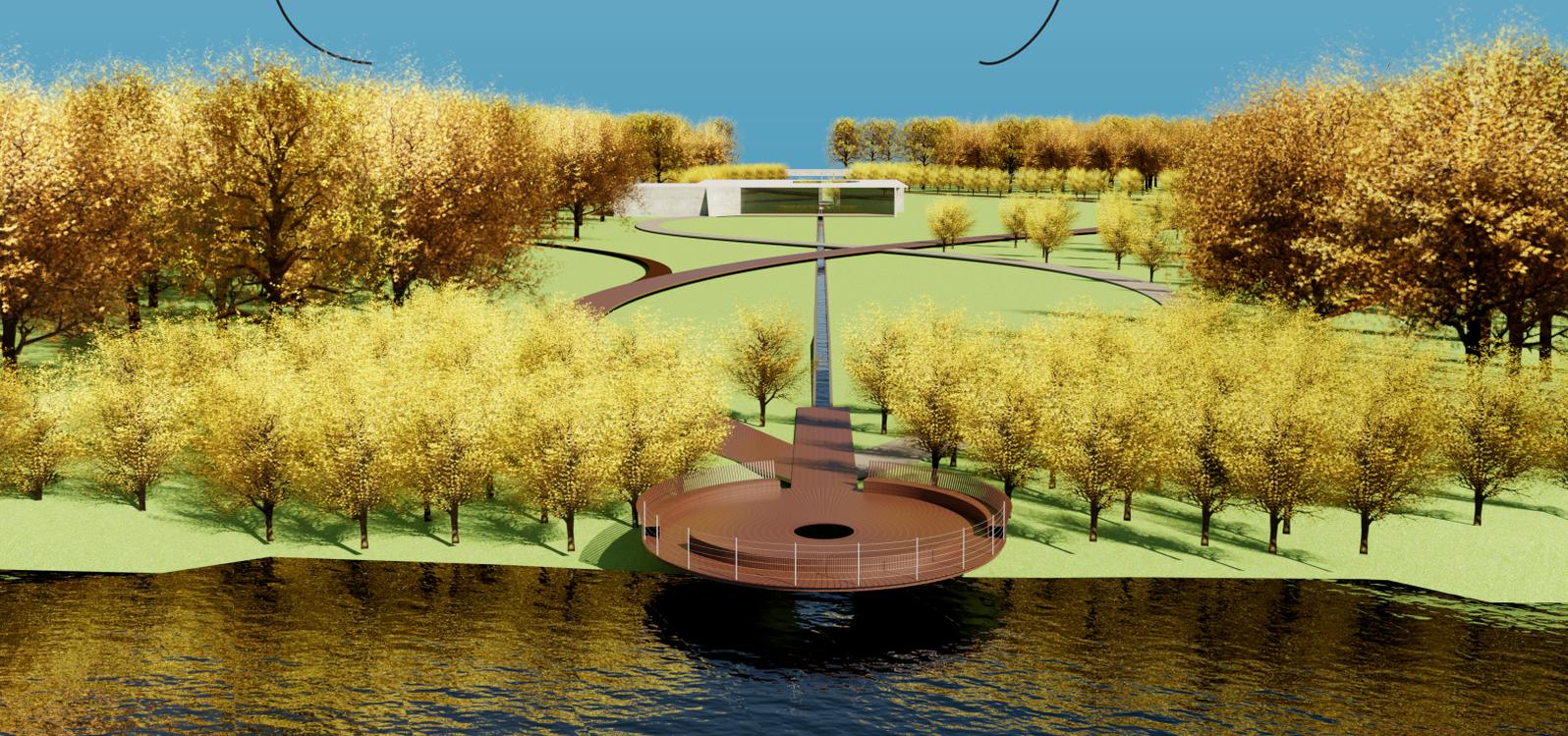


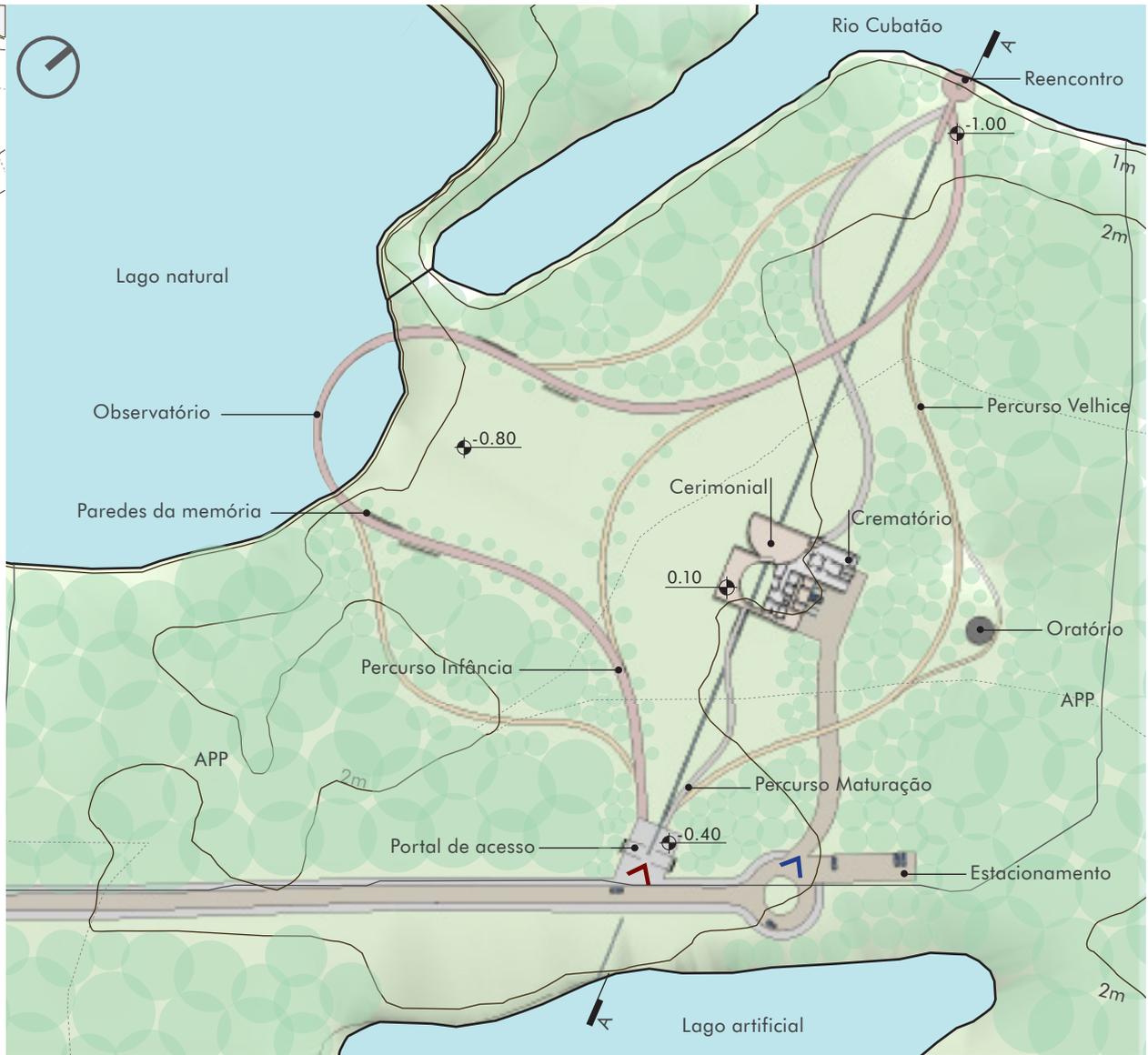
Assim, considerando estes dois atos - a cerimônia e o momento de relembrar - retoma-se ao conceito trazido por Hertz (1970) de, respectivamente, **desagregação** e **reinstalação**: o primeiro fala sobre o desapego do corpo material em um momento que a dor do luto ainda é recente e o segundo sobre estabelecer a individualidade de cada pessoa na memória coletiva.

A simbologia da curva é adotada estrategicamente ao longo do projeto para transmitir diferentes atmosferas: o caminho sinuoso reduz o passo e induz o usuário à contemplar um campo de visão muito maior, melhorando a percepção do espaço.

A linha côncava significa a união. A percepção de estar em um grupo, focado em um ponto central.

A linha convexa expressa a amplitude da forma, abrangendo o campo de visão e dissipando a sensação do coletivo.



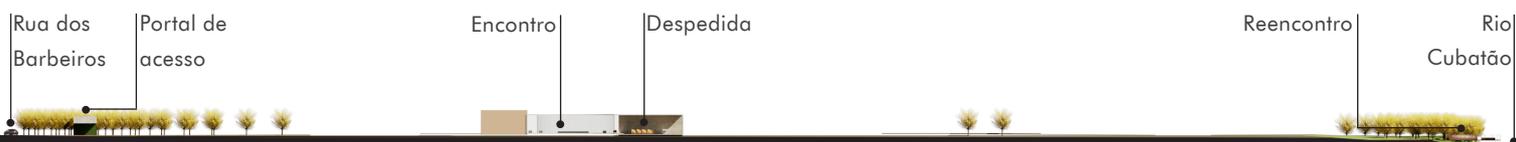
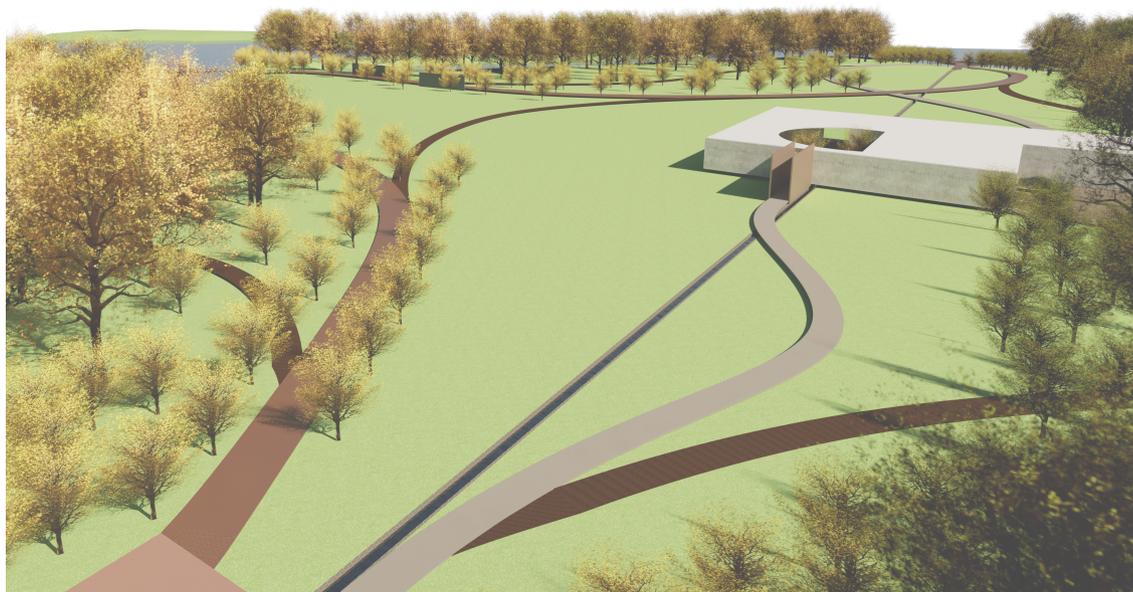
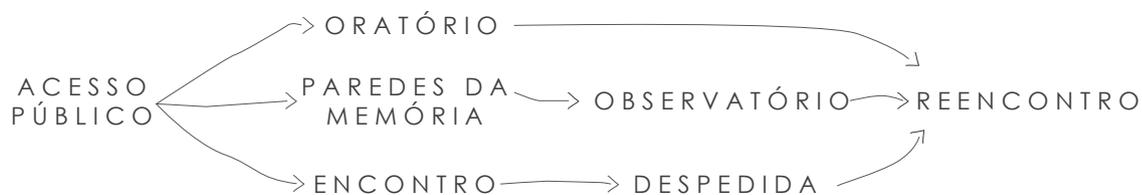


- Acesso Público
- Acesso Serviço

Implantação
Esc. 1:2500

Justamente para que o usuário tome a decisão de qual caminho seguir, o fluxograma do projeto tem diferentes possibilidades, mas este é colocado abaixo de forma simplificada.

Ainda, foi colocado junto à cada seção uma planta chave destacando a parte à qual se refere.



Corte A
Sem esc.



5.2. DESAGREGAÇÃO

Este momento do rito se organiza no evento único da cerimônia de velação e cremação, por isto, tem um percurso definido já traçado que se inicia no acesso principal e tem fim no espaço de reencontro.

O PESO DO VAZIO

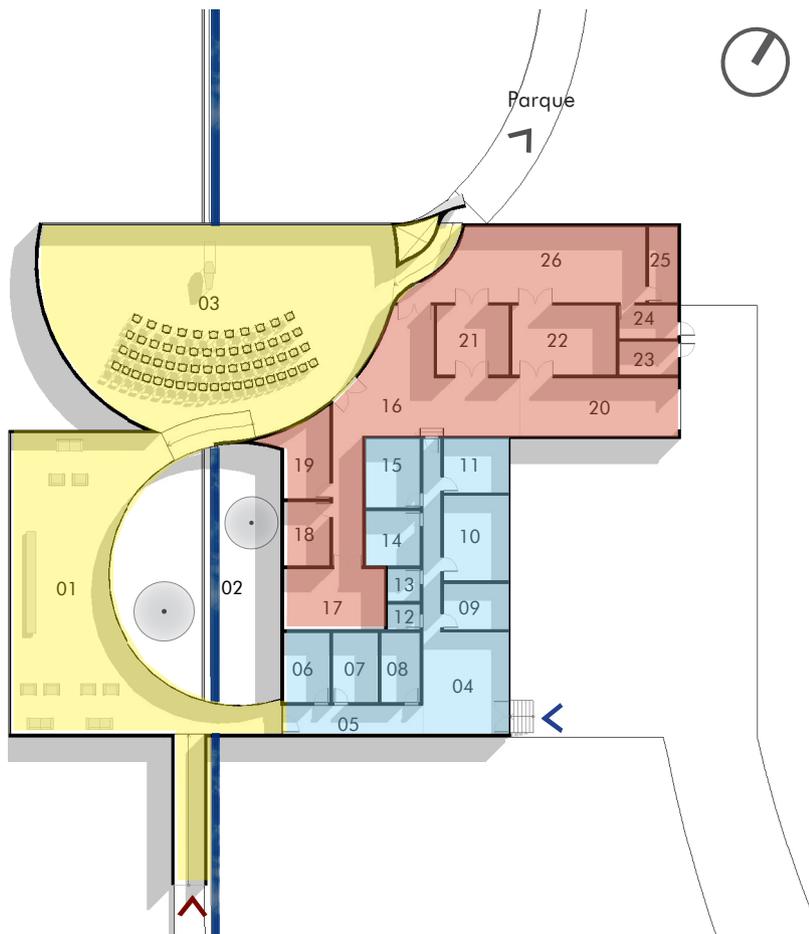
O acesso principal ao memorial se dá pelo pórtico de concreto entitulado "O peso do vazio", metaforizando a perda do ente.



Vista do acesso principal.

ESPAÇO DE CERIMÔNIA

Este espaço, como explanado, é conformado por dois ambientes principais, o **encontro** e **despedida**, detalhados a seguir.

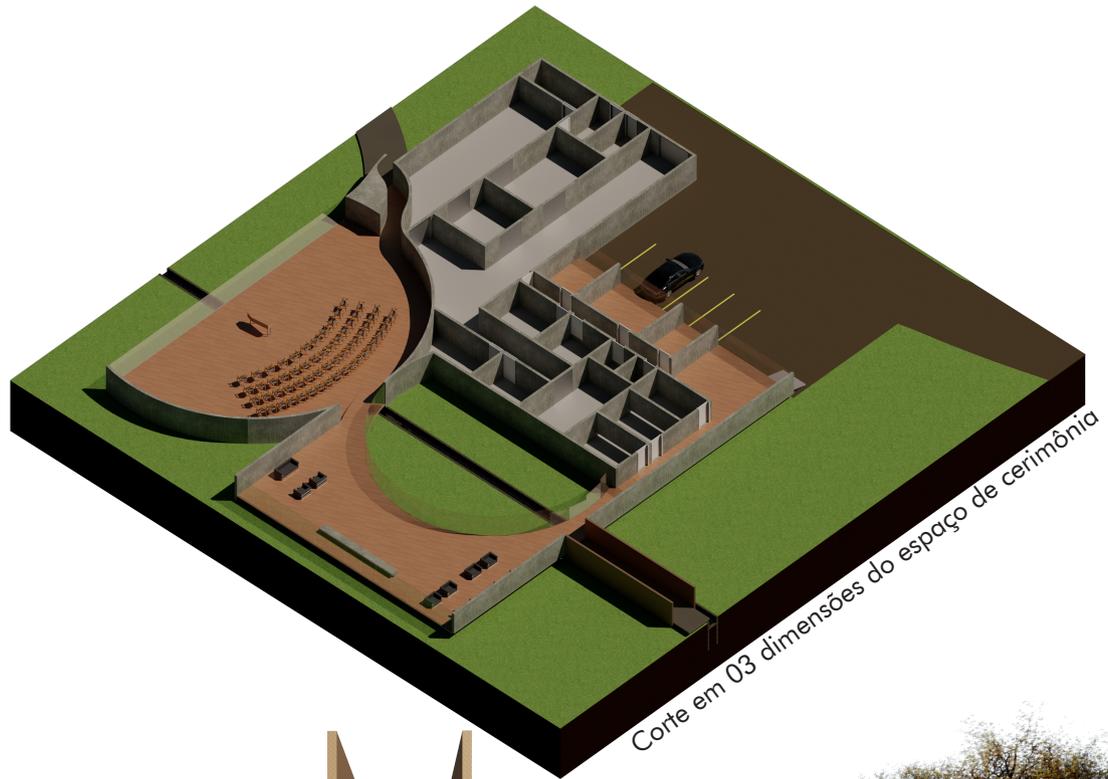


LEGENDA

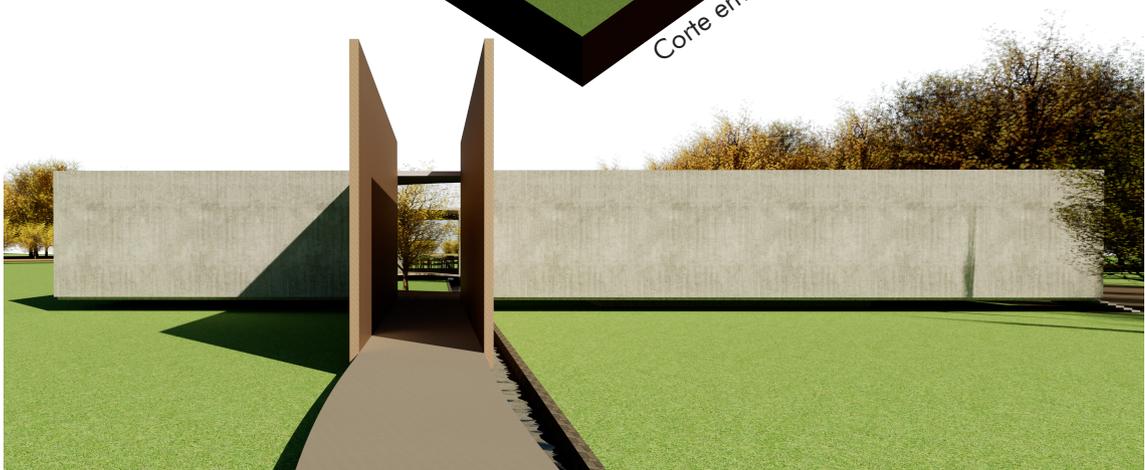
- Acesso ao público █
- Administração / Apoio █
- Crematório █
- Acesso social ➤
- Acesso serviço ➤

01 Encontro	185 m ²
02 Jardim interno	162 m ²
03 Despedida	292 m ²
04 Recepção	53 m ²
05 Circulação	17 m ²
06 Banheiro feminino	14 m ²
07 Banheiro masculino	14 m ²
08 Cozinha	12 m ²
09 Sala de reuniões	13 m ²
10 Administração	24 m ²
11 Copa	15 m ²
12 Banheiro PCD	3 m ²
13 DML / Depósito	5 m ²
14 Banheiro / Vestiário fem.	13 m ²
15 Banheiro / Vestiário masc.	16 m ²
16 Circulação	79 m ²
17 Depósito de caixões e urnas	26 m ²
18 Columbário	13 m ²
19 Depósito de materiais	17 m ²
20 Garagem interna carro funerário	40 m ²
21 Sala de preparação	22 m ²
22 Sala refrigerada	31 m ²
23 Depósito de lixo	9 m ²
24 Depósito de combustíveis	9 m ²
25 Sala de limpeza de materiais	10 m ²
26 Crematório	69 m ²
	1162 m ²

Planta baixa cerimonial
Esc. 1:500



Corte em 03 dimensões do espaço de cerimônia



Vista do acesso ao espaço de cerimônia

ENCANTRO

É o primeiro ambiente que constitui o espaço cerimonial e que antecede a cremação. Assim, recebe os usuários no dia do ritual, momento em que os amigos e familiares se reúnem antes da despedida e se desenrola na possibilidade de compartilhar lembranças do falecido. Dado isto, é estabelecido algumas diretrizes para este ambiente.

CONCEITO ESPAÇO E MATERIALIDADE

Dor recente, por isto um local mais terno . → Cambirela como ponto focal, simbolizando o momento de tristeza e a intenção da tranquilidade.

Necessidade de espalhar o usuário → Imersão do usuário na natureza, uso de jardim interno e enfoque na paisagem externa.

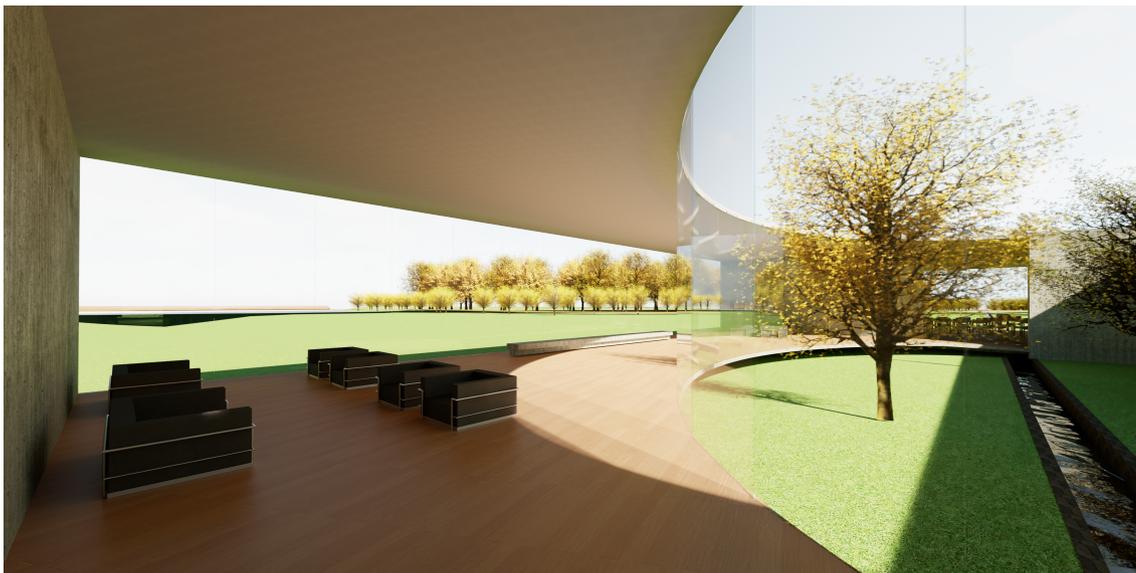
Compartilhar momentos e lembrar memórias → Espaço para estar em grupo dividindo estes momentos.

Cada indivíduo sente o luto de uma forma → Possibilidade também do usuário se isolar do grupo.

Local de média à longa permanência. → Ambiente de aconchego: uso da madeira, iluminação natural e mobiliário confortável.



No espaço de encontro, junto ao canal há um jardim interno metaforizando o falecido em sua vida plena, com a natureza em seu esplendor.



Vista espaço de Encontro



Vista espaço de Encontro

DESPEDIDA

Trata-se do momento onde a referência com o falecido ainda é material: é o último contato com o corpo físico, e portanto, o momento de maior sofrimento. Deste ritual de despedida, dá-se a cremação.

CONCEITO ESPAÇO E MATERIALIDADE

Dor latente, por isto, uma atmosfera mais sensível → Minimização do espaço para que os sentimentos sejam o foco.

Necessário sentir-se apoiado pelo grupo → Forma côncava.

Último contato com o corpo físico → Corpo é o ponto focal do ritual e do espaço.

Com o corpo em um ponto focal, o plano atrás deste transmite um conceito (assim como a cruz em um ritual cristão) → Plano de fundo é o pôr do sol, simbolizando o fim de um ciclo natural, e a linha horizontal, retratando a plenitude da alma.



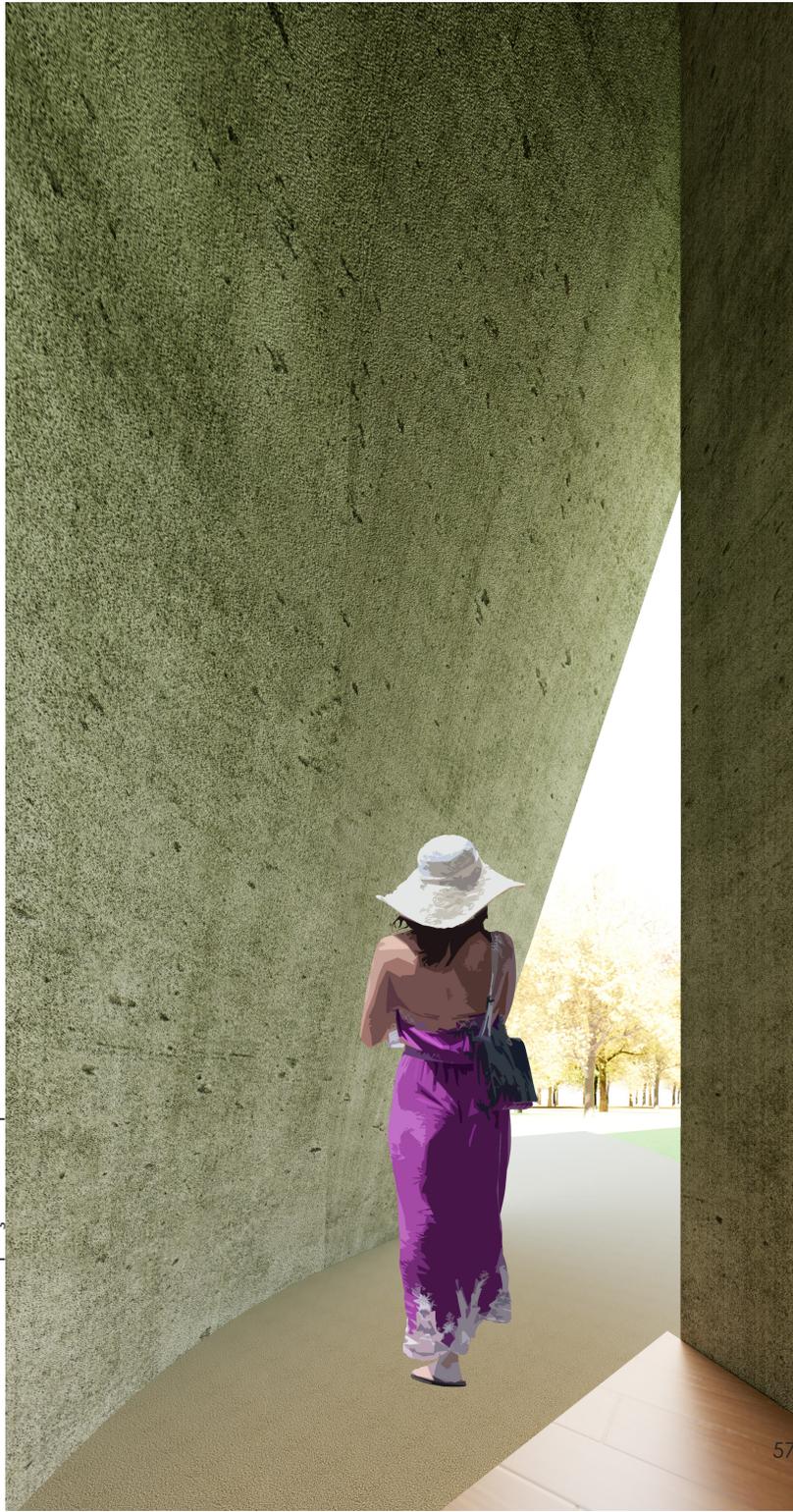


Vista externa do espaço de despedida.



Vista interna do espaço de despedida.

Vista da saída do espaço de despedida.



MEMÓRIA

A conclusão do ritual de passagem tem fim na ideia de continuidade, tanto em relação ao falecido - metaforicamente, quando na possibilidade de retornar ao local em datas específicas e poder resgatar certas memórias.

CONCEITO ESPAÇO E MATERIALIDADE

Esperança e continuidade → A linha e o plano infinitos.

Dor superada → Possibilidade de diversificar os materiais, formas e cores.

Introspecção e silêncio → Espaço para “estar só”, meditar ou orar.

SIMBOLOGIA DO RIO

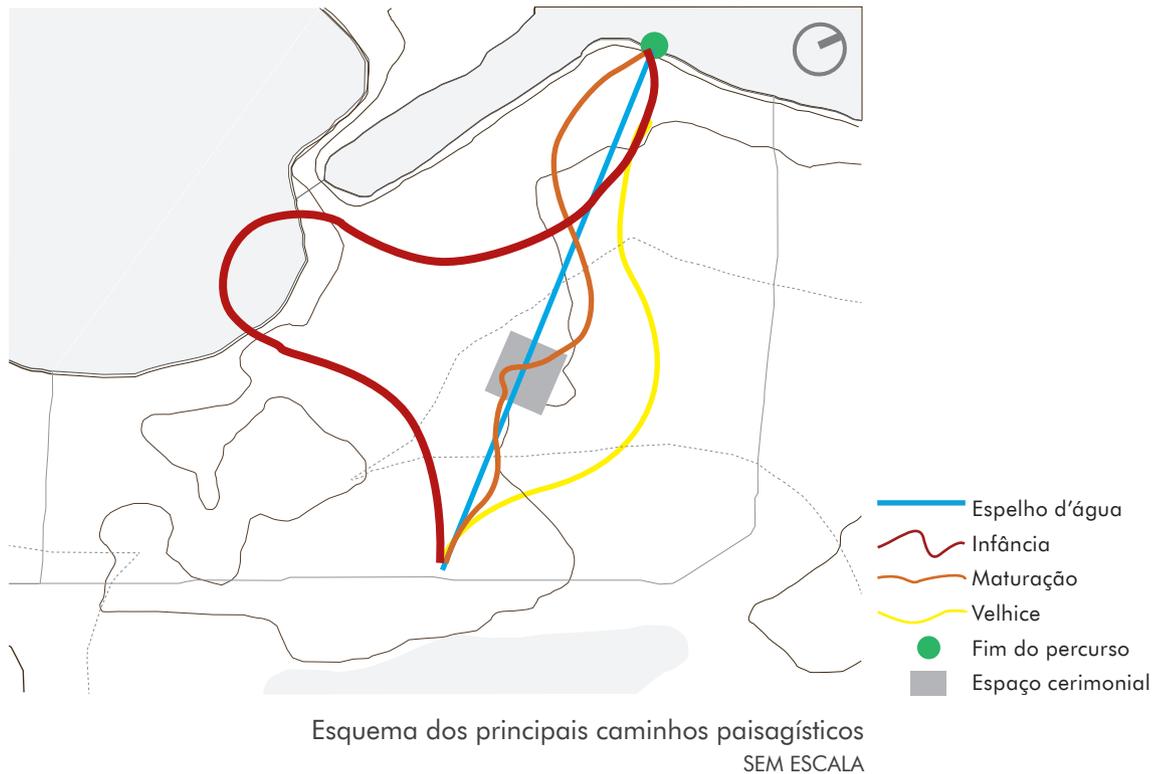
O rio refere-se à um elemento que nasce pequeno e ao longo do seu caminho se fortalece e se torna fonte de vida à outros seres. Seu fim - desaguando no mar - não demonstra de fato um término, mas a continuidade de sistema que se renova.

Portanto, o rio é colocado no projeto como um curso d'água linear, simbolizando a vida da pessoa falecida. É linear pois como já teve seu fim, as escolhas já foram feitas e o caminho definido.



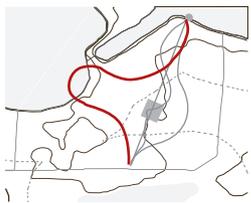
Fig. 36 - Instituto Salk, de Louis Kahn. FONTE: Archdaily.

5.3. REINSTALAÇÃO



Ao contrário do espelho d'água - o falecido, os demais percursos do terreno são sinuosos pois, simbolizam o usuário em sua trajetória ao longo da vida, e esta ainda não foi finalizada, assim os percursos representam diferentes escolhas. Além disto, os caminhos ora estão próximos ao espelho d'água, ora afastados, fazendo jus à metáfora da vida. Em termos práticos, a sinuosidade do passeio se dá para que o usuário perceba melhor todo o espaço.

O luto é sentido por cada indivíduo de maneira diferente, por isto, os três caminhos principais levam o usuário à ter diferentes percepções do terreno. Os três, são figurados como a **Infância**, a **Maturação** e a **Velhice**.



INFÂNCIA

O principal caminho define um luto amadurecido, é o que se pretende transmitir ao usuário quando este permitir, refletindo a vivacidade de uma criança.

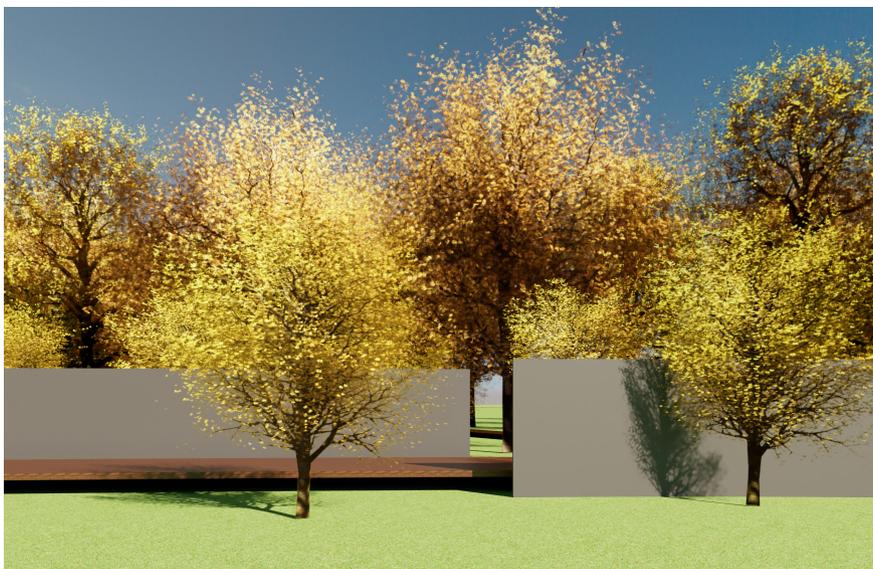
CONCEITO ESPAÇO E MATERIALIDADE

Juventude aflorada → Uso de materiais modernos, como metais e vidro e cores claras e/ou vibrantes.

Curiosidade e descobrimento das coisas → Caminho percorre todo o terreno, assim, mais expansivo.
→ Espaço lúdico.



Vista do percurso.



Vista das paredes da memória.



Vista do observatório.

Apesar da intenção de imaterializar o espaço, elementos de liberdade de expressão e individualização são necessários, mas há a necessidade de renovação com o passar das gerações.

As paredes da memória são elementos interativos colocados ao longo deste percurso para que o usuário se expresse através do desenho ou da escrita, porém são feitos com giz de gesso, assim, as intempéries naturalmente abrem espaço à novas interações.

Neste percurso há também um observatório junto ao lago, este serve como espaço de reflexão e apreciação da natureza.

M A T U R A Ç Ã O

Este percurso é utilizado em dias de cerimônia, já que percorre o interior do edifício, por isto refere-se à uma dor latente.

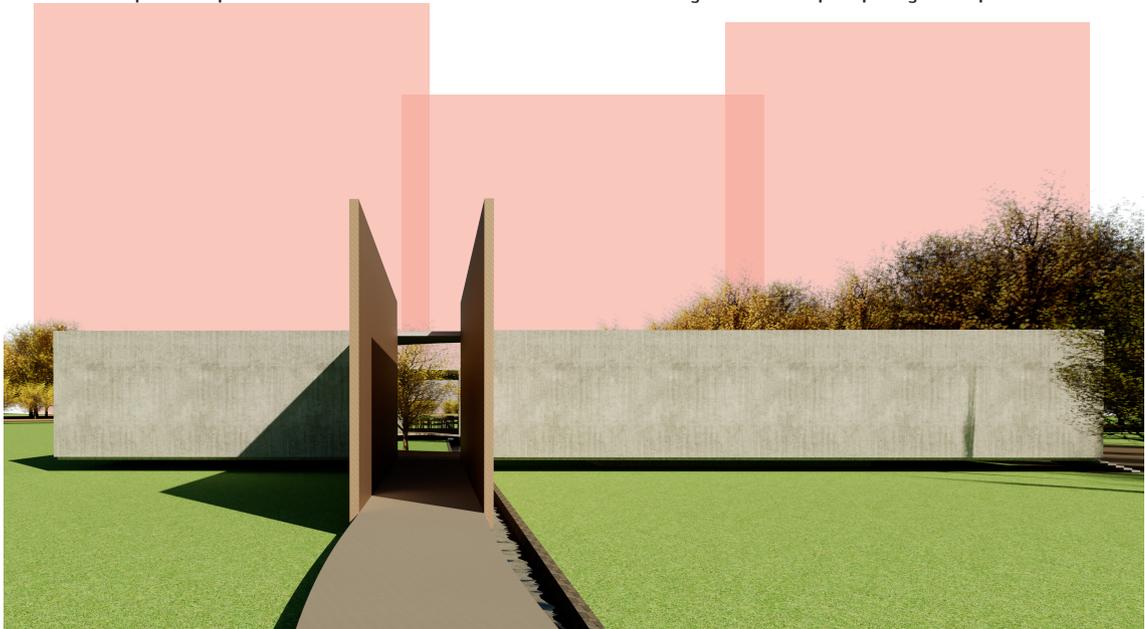
CONCEITO ESPAÇO E MATERIALIDADE

Sério e contido → Caminho é mais curto e mais contido, pouco se afasta do objetivo.

Dor recente → Não há espaço para “distrações”, por isto, mais minimalista.

Duro e seco → Uso do aço e concreto (materiais frios)

O próprio acesso ao cerimonial materializa a dor da perda através de um caminho estreito - que se percorre sozinho - com a frieza do aço e uma proporção opressora.



VELHICE

Expressa um momento da vida em que muitas vezes a solidão e a melancolia são presentes, por isto a intenção da nostalgia.

CONCEITO ESPAÇO E MATERIALIDADE

Estar sozinho, introspecção →

Caminho adentra à mata
Meditação

Nostalgia, volta às origens →

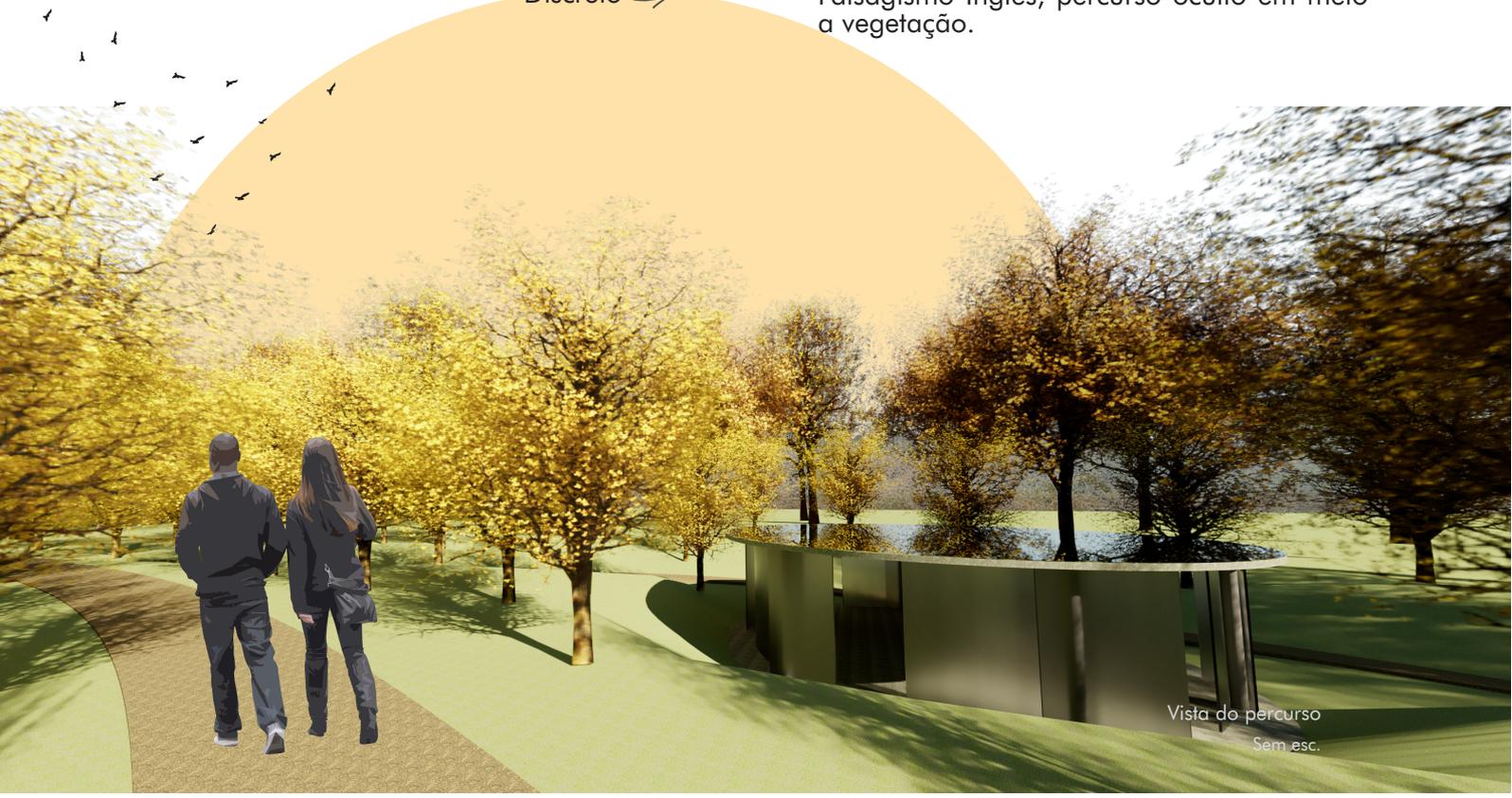
Materiais naturais como areia e madeira.

Hábitos antigos, tradição →

Oratório, velário.

Discreto →

Paisagismo Inglês, percurso oculto em meio a vegetação.

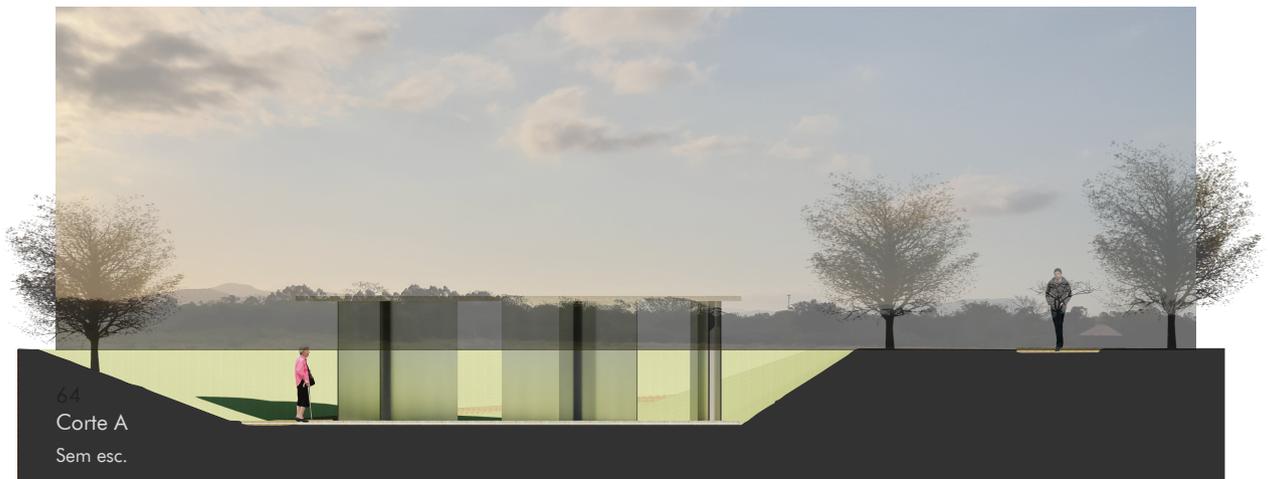


Vista do percurso
Sem esc.

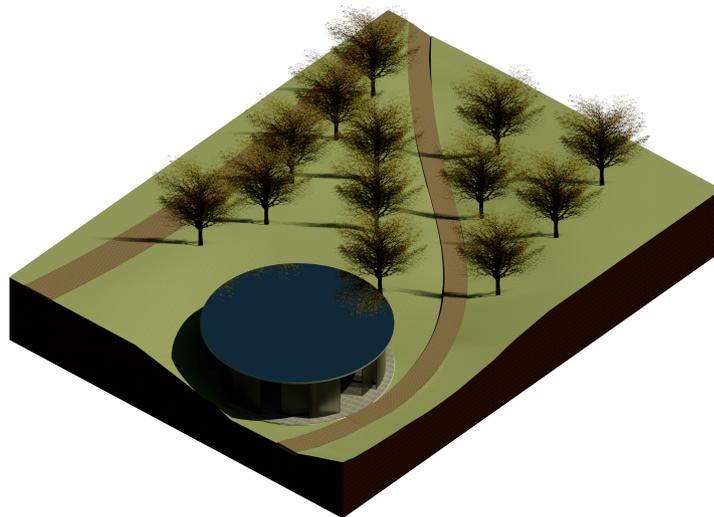
ORATÓRIO

Colocado no meio deste percurso, o oratório é um espaço de introspecção e meditação. É posto à um nível intermediário com relação ao passeio principal para imergir o usuário na natureza e trazer o aconchego do solo.

Seu fechamento vertical é feito de folhas de vidro fosco intercaladas, escondendo os elementos estruturais e trazendo mais privacidade para o usuário.



A estrutura do espaço é reduzida ao mínimo: pilares circulares e laje protendida, esta última esta sob um espelho que reflete as árvores no entorno, camuflando a edificação.



Vista do oratório
Sem esc.



REENCONTRO

O fim do percurso, colocado à beira do rio Cubatão, é um momento de reencontrar com a metáfora do falecido, o, rio. Diferentemente do restante do percurso que buscam a introspecção e a autorreflexão, este espaço exalta aquele que se foi - neste projeto retratado como o rio, assim é colocado no ponto focal no momento de **encontro**, enquanto os usuários formam o grupo.

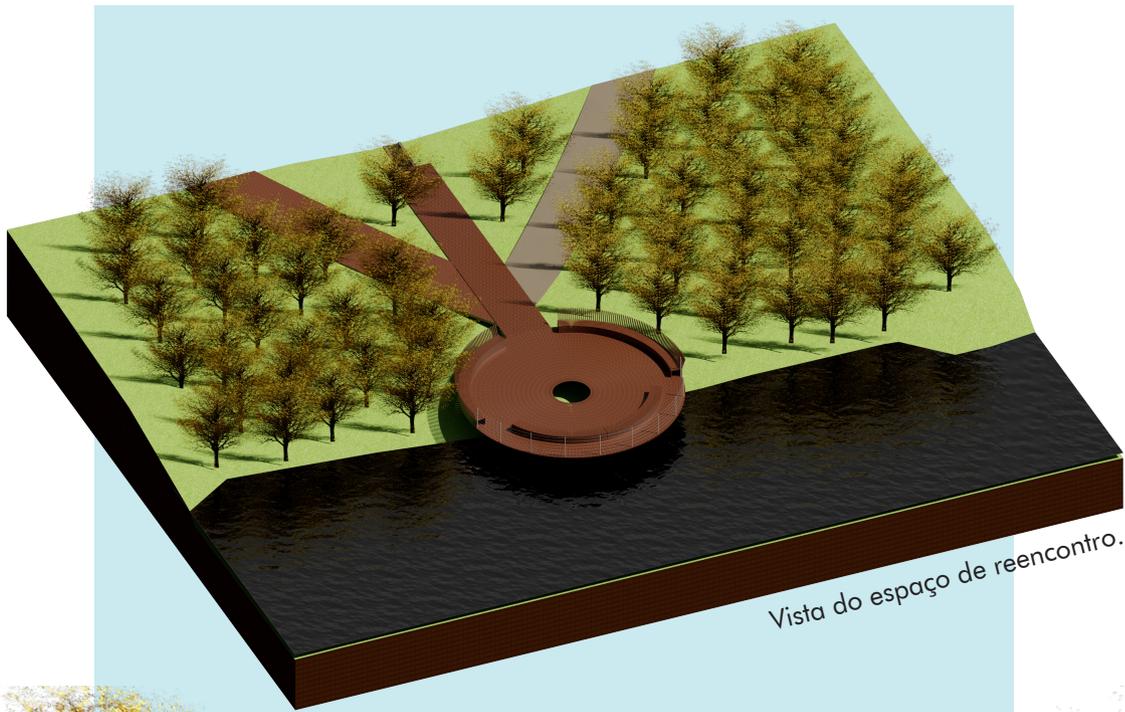
CONCEITO MATERIALIDADE

Momento de encontro, de estar junto → Linha côncava, anfiteatro

Fim do percurso se relaciona com o fim do ritual cerimonial → Próximo ao rio, deck.



Vista do espaço de reencontro.



Vista do espaço de reencontro.



Vista do espaço de reencontro.



“Aqui terminamos nosso percurso juntos. Segues o teu caminho e eu sigo o meu.”

6 . C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

Por meio deste trabalho, foi possível compreender os diversos aspectos que compõem um projeto arquitetônico, desde tensões sociais e históricas à condicionantes legais.

Aqui, é colocado como a arquitetura pode contribuir para este tema, não só ao usuário, mas a comunidade em que é inserida, seja na proteção ao ambiente ou no valor agregado ao entorno.

Acredito que a contribuição desta pesquisa seja refletir sobre a criação de um espaço — a arquitetura pós morte — que não mais tem sentido da forma como é colocada hoje e que permanece imutável em sua essência há séculos. Um lugar que refuta a ideia da morte como algo natural. Por isto foi proposto um espaço mais receptível àqueles que se apropriam dele, que permita sentir o luto sem que se perca o conforto que se faz necessário.

Morte não é o oposto de Vida, mas de Nascimento.

E P Í L O G O

“Eu canto o corpo elétrico.
As legiões daqueles a quem amo me envolvem e são por mim envolvidas,
Pois não me largarão enquanto eu não for com eles e atendê-los,
E purificá-los e vigorizá-los inteiramente com o vigor da alma.

Há quem duvide de que todo aquele que perverte o corpo esconde a si mesmo?
E de que todo aquele que profana os vivos seja tão perverso quanto quem profana os
mortos?

E se o corpo não valer tanto quanto a alma?
E se o corpo não for a alma, o que será a alma?

[...]

Ó eu digo que estas não são apenas partes e poemas do Corpo, mas também da Alma,
Digo mesmo que elas são a própria Alma!”

**- Eu canto o corpo elétrico (1855),
de Walt Whitman.**

Na verdade, contradizendo o tema, talvez este trabalho fale mais sobre arquitetura
como corpo vivo do que sobre a morte. Por isto, este poema é colocado aqui.
Nele, Whitman fala com fascínio sobre o corpo (humano) e anseio o mesmo pela
arquitetura.

Um corpo perfeito com tudo que o constituí.
Estrutura, forma, materialidade.

Porque cada uma delas é responsável pela criação que uma atmosfera capaz de
conformar uma sociedade, um indivíduo. É poder da arquitetura como corpo presente.

7 . R E F E R Ê N C I A S

ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CÂMERA MUNICIPAL DE PALHOÇA (Org.). Histórico do Município de Palhoça. 2017. Disponível em: <<https://www.cmp.sc.gov.br/camara/conteudo/imprensa/o-Municipio/1/2017/95>>. Acesso em: 23 set. 2019.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. Bras. de História, São Paulo, v. 13, n. 25, p.98-103, ago. 1993.

ELIAS, N. O processo civilizador: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

FIGUEIREDO, Inês de Carvalho. Do cemitério à memória: A imaterialização do espaço mortuário. 2013. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2013.

FORTKAMP, Cristiane. Parque Estadual da Serra do Tabuleiro: História e Conflito Socioambiental. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo. Edições Vértices, 1990.

HERTZ, R. Sociologie religieuse et folklore. Paris: PUF, 1970.

KANDINSKY, Wassily. Curso da Bauhaus. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. A Estrutura do Comportamento. Tradução de M. V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MUMFORD, L., A cidade na história – suas origens, transformações e perspectivas, 4ed., Martins Fontes, São Paulo, 1998

MUMFORD, Lewis. Arte & técnica. Lisboa: Edições 70, 1980.

NWS, Serviço Nacional de Meteorologia EUA. Köppen-Geiger Subdivisões Climáticas. Disponível em: <https://www.weather.gov/jetstream/climate_max>. Acesso em: 02 out. 2019.

OLIVEIRA, M. M. L. P. , In memoriam, na cidade, Minho: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Minho, 2007, .p. 193 , Prova Doutorado.

RIEGL, Alois. Moderne Denkmalkultur: sein Wesen und seine Entstehung. Tradução de Kurt W. Forster e Diane Ghirardo, em "Oppositions", n. 25 1982.

RODRIGUES, José Carlos. Constantes e Variáveis Significacionais nos Ritos Associados à Morte. - Comunicação Social, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2010.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. Martins Fontes, 1966.

VIAL, Martita. Memorial às Vítimas de Violência: Gaeta-Springall Arquitectos. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/111859/memorial-as-vitimas-de-violencia-slash-gaeta-springall-arquitectos>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

WASLSH, Niall. Centro funerário de HofmanDujardin nos convida a repensar os espaços de despedida. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/898659/centro-funerario-de-hofmandujardin-nos-convida-a-repensar-os-espacos-de-despedida>. Acessado 22 Ago 2019.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas: entornos arquitetônicos: as coisas que me rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

FIGURAS

Fig. 01 - Mapa de localização do terreno. FONTE: da autora, 2019.	10
Fig. 02 - Fotografia de Jean François Rauzier, Montjuic, 2013.	17
Fig. 03 - Fotografia de Jean François Rauzier, Salvador, 2017.	17
Fig. 04 - “Morte e Vida” de Gustav Klimt, 1916.	21
Fig. 05 - “A persistência da memória” de Salvador Dali, 1931. FONTE:	23
Fig. 06 - Vista do Morro Cambirela, 2019. FONTE: Eduardo da Luz, adaptado pela autora, 2019.	26
Fig. 07 - Zoneamento vigente de Palhoça. FONTE: Plano diretor, adaptado pela autora, 2019.	27
Fig. 08 - Vista do terreno. FONTE: da autora, 2019.	28
Fig. 09 - Vista do terreno. FONTE: da autora, 2019.	28
Fig. 10 - Esquema da ocupação histórica. FONTE: da autora, 2019.	29
Fig. 11 - Delimitação Parque Estadual Serra do Tabuleiro. FONTE: FATMA adaptado, 2019.	30
Fig. 12 - Densidade ocupacional da grande Florianópolis. FONTE: PLAMUS pela autora, 2019.	30
Fig. 13 - Mapa cheios e vazios. FONTE: da autora, 2019.	31
Fig. 14 - Mapa usos. FONTE: da autora, 2019.	31
Fig. 15 - Mapa sistema viário. FONTE: da autora, 2019.	32
Fig. 16 - Mapa áreas não edificáveis. FONTE: da autora, 2019.	33
Fig. 17 - Vista do relevo. FONTE: Google Earth, 2019.	34
Fig. 19 - Skyline oeste do terreno. FONTE: do autor, 2019.	34
Fig. 18 - Mapa relevo. FONTE: Google Maps, 2019.	34
Fig. 20 - Análise climática. FONTE: Google Earth adaptado pela autora.	35
Fig. 21 - Skyline leste do terreno. FONTE: da autora, 2019.	35
Fig. 23 - Ponto de vista 01. FONTE: Google Earth adaptado pela autora, 2019.	36
Fig. 22 - Pontos cênicos. FONTE: Google Earth adaptado pela autora, 2019.	36
Fig. 24 - Filme O Iluminado. Direção de Stanley Kubrick. FONTE: Warner Bros, 1980.	36
Fig. 25 - Ponto de vista 02. FONTE: da autora, 2019.	37
Fig. 26 - Ponto de vista 03. FONTE: da autora, 2019.	37
Fig. 27 - Ponto de vista 04. FONTE: da autora, 2019.	38
Fig. 28 - Perfil do Morro Cambirela. FONTE: da autora, 2019.	38
Fig. 29 - Vista do Rio Cubatão. FONTE: ND Mais, 2018.	39
Fig. 30 - Vista externa do centro fúnebre. FONTE: HofmanDujardin.	41
Fig. 31 - Implantação do edifício - Sem escala. FONTE: HofmanDujardin.	42
Fig. 32 - Vista interna “Sala de Despedida”. FONTE: HofmanDujardin.	42
Fig. 33 - Vista do parque-memorial. FONTE: Gaeta-Springall.	43
Fig. 34 - Implantação. FONTE: Gaeta-Springall.	44
Fig. 35 - Vista das paredes de aço e fonte de água. FONTE: Gaeta-Springall.	44
Fig. 36 - Instituto Salk, de Loius Kahn. FONTE: Archdaily.	56

